

A VISÃO DO PARAÍSO

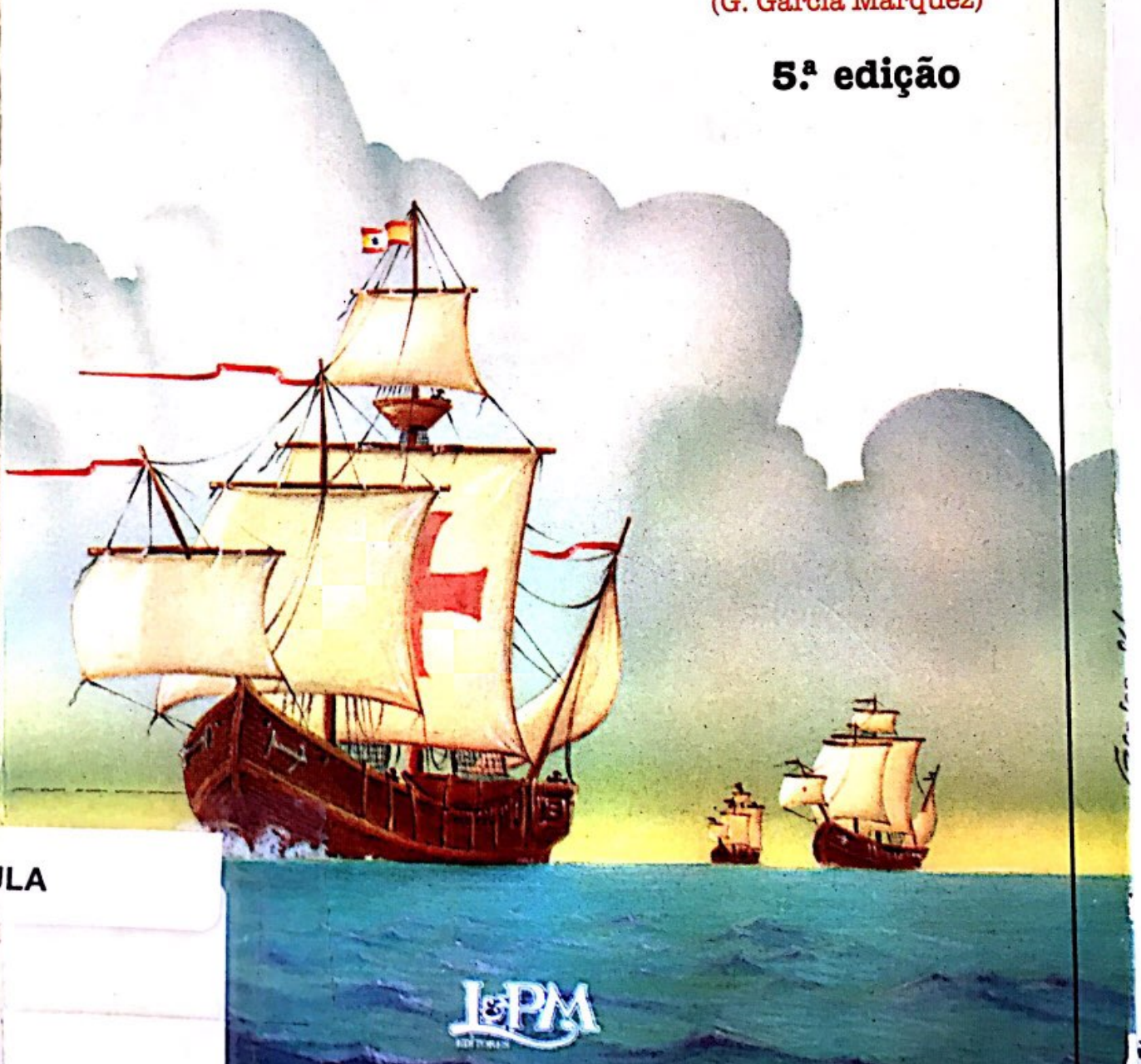
# Cristóvão Colombo

## Diários da Descoberta da América

As quatro viagens e o testamento

“O primeiro livro de realismo mágico”  
(G. García Márquez)

5.<sup>a</sup> edição



CIRCULA

LPM  
Livraria

L&PM HISTÓRIA  
Série: Visão do paraíso, volume 1

C718d  
5. ed.

tradução: Milton Persson  
revisão: Mircia Camargo  
capa: L&PM Editores sobre ilustração de Gerson Scherer

1ª edição — Junho de 1984  
2ª edição — Setembro de 1984  
3ª edição — Março de 1986  
4ª edição — Abril de 1988

ISBN 85-234-0373-3

C718d Colombo, Cristóvão, 1450-1506

Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o restabelecimento / Cristóvão Colombo: tradução de Milton Persson. — 5ª ed. — Porto Alegre: L&PM, 1991.

180 p. : il. : 21cm. — (Série A Visão do Paraíso, 1)

I. América-História. I. Título. II. Série.

CDD 970

980

CDU 970/980:910.4(091)

910.4(091):970/980

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

As gravuras reproduzidas neste livro são de autoria de E. Meaulle e foram publicadas no volume *Cristophe Colomb*, de M. Ricard, Paris, Alfred Mame et Fils, Éditions, 1898.

© L&PM Editores, 1984

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores S/A.  
Matriz: Av. Nova Lorgue, 306 — 90450 — Porto Alegre — RS  
Filial: Praça Monteiro dos Santos, 65 — 04117 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil  
Primavera de 1991

615697 FF

*Para numerosos viajantes, o cenário americano estava repleto de misteriosas e inegáveis possibilidades. Ali, o milagre parecia novamente incorporado à natureza: uma natureza ainda cheia de graça natural, em perfeita harmonia e correspondência com o Criador. O próprio Colombo, sem dissuadir-se de que atingira pelo Ocidente as partes do Oriente, julgou-se em outro mundo ao avistar as costas verdadeiras da América, onde tudo lhe dizia estar a caminho do verdadeiro Paraíso Terreal.*

*As mesmas imagens bíblicas, reafirmadas pelos cosmógrafos mais acreditados da época, acharia Colombo em seu desembarque nas Antilhas: terras de fertilidade inaudita, árvores de copas altíssimas, frutas gigantes e carregadas de frutas, a eterna primavera musicada pela alegria dos cantares de pássaros de mil cores...*

Sérgio Buarque de Holanda, em  
A Visão do Paraíso



Não se sabe com exatidão se Cristóvão Colombo foi genovês nem se a sua imprudente administração nas colônias teria sido a verdadeira causa daqueles pleitos... Mas, que importância têm esses detalhes tão banais? Por trás do grande descobrimento do Novo Mundo estava um homem e é esse homem que vamos encontrar aqui, apesar dos erros e das maledicências.

As linhas deste *Diário* foram escritas pelo mesmo homem que empunhou o leme da "Santa Maria". Trata-se de um documento valiosíssimo, com que gostariam de contar os biógrafos de tão grandes personagens. Passemos, pois, a conhecer o *homem* Cristóvão Colombo, nascido em 1451 e falecido em 1506, tarimbadíssimo marujo e cartógrafo, Almirante do Mar Oceano e Vice-Rei das Índias, severamente julgado por seus contemporâneos e hoje elevado à eminência dos descobrimentos geográficos; admirado pela vontade férrea, pela coragem na luta contra a incompreensão, pelo talento e nobre resignação na desgasta: triste época em que só se preocupou em salvar a dignidade e o próprio nome.

## A Primeira Viagem

(1492-93)

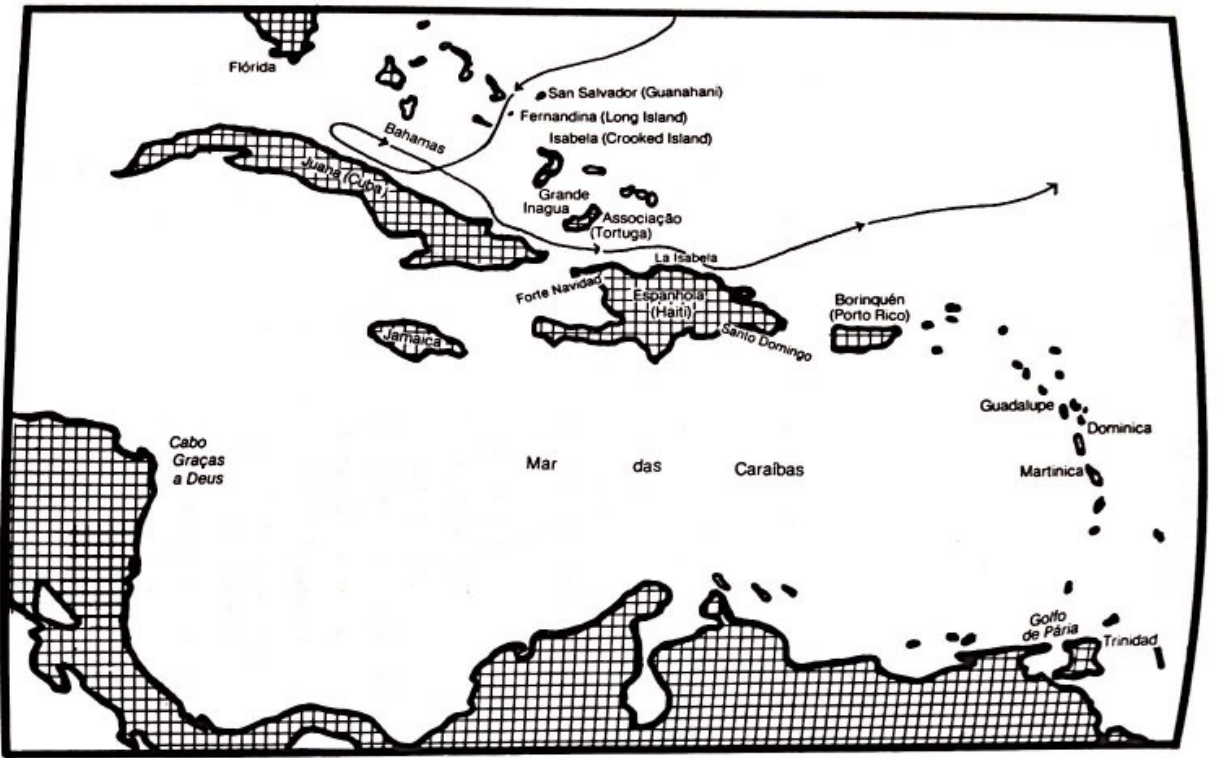
In nomine D. N. Jesu Christi

Porque, cristianíssimos e mui augustos, excelentes e poderosos soberanos, Rei e Rainha das Espanhas e das ilhas do mar. Nossos Monarcas, neste presente ano de 1492, depois que Vossas Majestades deram fim à guerra contra os mouros que dominavam a Europa e por terem minados os combates na mui grande cidade de Granada, onde neste mesmo ano, aos dois dias do mês de janeiro, por força das armas, assisti ao hasteamento das bandeiras reais de Vossas Majestades na torre de Alfambra<sup>1</sup>, fortaleza da referida cidade, e vi o rei mouro sair pelas portas da cidade e beijar as mãos reais de Vossas Majestades e do Príncipe, meu Soberano, e logo naquele mês indicado, pela informação que eu tinha dado a Vossas Majestades sobre as terras da Índia e um príncipe, chamado "Grande Cá"<sup>2</sup>, que em nosso idioma significa Rei dos Reis, como muitas vezes ele e seus antecessores mandaram pedir que Roma lhes enviasse doutores versados em nossa santa fé para administrar-lhes os seus ensinamentos e que nunca o Santo Padre os quis atender e que se perdiam tantos povos em crenças idólatras ou acolhendo seitas de perdição, Vossas Majestades, como católicos cristãos e Soberanos devotos da santa fé cristã, seus incrementadores e inimigos da seita de

1. Trata-se do imenso castelo mourisco construído sobre uma elevação que domina a cidade, hoje chamado Alhambra. (N. do E.)

2. Ao regressarem a Europa, Nicolau e Marco Polo informaram ao Papa que o imperador da tartária, conhecido como o Grande Cá, pedia que lhe fossem enviados cem teólogos para que assim se iniciasse a conversão dos mongóis. (N. do E.)





Maomé e de todas as idolatrias e heresias, pensaram em enviar-me, a mim, Cristóvão Colombo, às mencionadas regiões da Índia para ir ver os ditos príncipes, os povos, as terras e a disposição delas e de tudo e a maneira que se pudesse ater-se para a sua conversão à nossa fé; e ordenaram que eu não fosse por terra ao Oriente, por onde se costuma ir, mas pelo caminho do Ocidente, por onde até hoje não sabemos com segurança se alguém teria passado. Assim que, depois de terem expulso todos os judeus de vossos reinos e domínios<sup>3</sup>, no mesmo mês de janeiro mandaram Vossas Magestades que eu me dirigisse, com suficiente frota, às referidas regiões da Índia; e para tanto me concederam grandes mercês e me enobreceram para que daí por diante me intitulasse "Dom" e fosse Almirante-Mor do Mar Oceano, Vice-Rei e Governador perpétuo de todas as ilhas e terra firme que descobrisse e conquistasse, e que doravante se descobrissem e conquistassem no Mar Oceano, e assim procedesse meu filho mais velho e, da mesma forma, de grau em grau para todo o sempre. E saí eu da cidade de Granada aos doze dias do mês de maio do mesmo ano de 1492, em sábado. Vim à vila de Palos, que é porto marítimo, onde equipei três navios<sup>4</sup> bastante aptos para semelhante façanha e parti do citado porto bem abastecido de muitíssimos mantimentos e de uma boa tripulação aos três dias do mês de agosto do ano indicado, numa quinta-feira, meia-hora antes de raiar o sol, tomando o rumo das ilhas Canárias de Vossas Magestades, situadas no dito Mar Oceano, para dali seguir a rota e navegar tanto que chegasse às Índias e entregasse a mensagem de Vossas Magestades àqueles príncipes, cumprindo o que assim ordenaram; e para isso pensei em descrever toda esta viagem mui pontualmente, dia após dia, relatando tudo o que fizesse, visse e acontecesse, como adiante se verá. Também, Senhores Monarcas, além de descrever cada noite o que suceder durante o dia, e de dia o que navegar durante a noite, tenho a intenção de traçar nova carta de navegação, na qual colocarei todo o

3. Os judeus foram expulsos da Espanha por decreto assinado em 30 de março de 1492. O prazo para que abandonassem a Espanha se esgotou em 3 de agosto do mesmo ano. (N. do E.)

4. Os três "navios" eram duas caravelas e uma nau. A nau *Santa Maria*, também chamada *La Galega*, pertencia ao mestre Juan de la Cosa que acompanhava a viagem, e conduzia o Almirante Colombo. A caravela *Pinta* tinha como capitão Martín Alonso Pinzón, co-proprietário do barco junto com Cristóvão Quintero. E a *Niña* era capitaneada por Vicente Yañez Pinzón, irmão de Martín. (N. do E.)



mar e terras do Mar Oceano em seus devidos lugares, sob os respectivos ventos, e ainda mais, de compor um livro e estabelecer toda a analogia em pintura, por latitude do equinócio e longitude do Ocidente; e sobretudo cumprir muito que esqueça o sono e me empenhe em navegar, porque assim é preciso, o que me dará grande trabalho.

**Sexta-feira, 3 de agosto.** - Partimos quinta-feira, aos 3 dias de agosto de 1492, da barra de Saltes, às oito horas. Avançamos umas sessenta milhas, com grande exaltação até o pôr do sol, em direção ao sul, o que vem a dar quinze léguas; depois a sudoeste e, ao sul, quarta do sudoeste, que era o caminho para as Canárias.

**Sábado, 4 de agosto.** - Avançamos, a sudoeste, quarta do sul.

**Domingo, 5 de agosto.** - Avançamos, sempre na rota, entre dia e noite, mais de quarenta léguas.

**Segunda-feira, 6 de agosto.** - Quebrou-se ou despregou-se o leme da caravela "Pinta", que levava Martín Alonso Pinzón, o que se acreditou ou desconfiou ter sido obra de um certo Gomes Rascón e Cristóbal Quintero, a quem pertencia a caravela, porque lhe causava mágoa vê-la seguir nessa viagem; e diz o almirante que, antes da partida, haviam achado escondidos, à socapa, como se diz, os ditos cujos. Viu-se aí o Almirante presa de grande perturbação por não poder ajudar essa caravela sem expor-se a perigos e disse que lhe causava pena, pois sabia que Martín Alonso Pinzón era pessoa esforçada e de grande habilidade. No fim percorreram, entre dia e noite, vinte e nove léguas.

**Terça, 7 de agosto.** - Quebrou-se de novo o leme da "Pinta" e, depois de consertado, prosseguiram no rumo da ilha Lanzarote, que é uma das Canárias, e percorreram, entre dia e noite, vinte e cinco léguas.

**Quarta, 8 de agosto.** - Houve, entre os pilotos das caravelas, opiniões divergentes a respeito do lugar onde se encontravam, e o Almirante chegou mais perto da verdade; e gostaria de ir até à Grande Ca-

nária para deixar a caravela "Pinta", que ia mal provida de leme e vazando água, e também gostaria de trocá-la por outra, se acaso encontrasse. Mas naquele dia não foi possível.

**Quinta, 9 de agosto.** - Até domingo à noite o Almirante não pôde atracar na Gomera e Martín Alonso ficou naquela costa da Grande Canária por ordem do Almirante, pois não podia navegar. Depois o Almirante atracou na Canária (ou na Tenerife), e consertaram muito bem a "Pinta", com grande trabalho e esforços do Almirante, de Martín Afonso e dos demais; e por fim vieram para a Gomera. Avistaram as chamas de um vasto incêndio na serra da ilha de Tenerife, que impressiona pela imponência e altitude. Fizeram a "Pinta" redonda, por ter vela triangular; regressou à Gomera no domingo, 2 de setembro, com a "Pinta" consertada. Finalmente, o Almirante içou velas na referida ilha da Gomera com suas três caravelas na quinta-feira, aos 6 dias de setembro.

**Quinta, 6 de setembro.** - Partiu nesse dia de manhã do porto da Gomera e descreveu uma volta para prosseguir em sua viagem. E soube o Almirante, de uma caravela que vinha da ilha de Ferro, que por ali andavam três outras, portuguesas, para capturá-lo; a causa provável seria a inveja de El-Rei por ele ter ido para Castela. E enfrentou calmária durante todo o dia e noite, e na manhã seguinte verificou que estava entre Gomera e Tenerife.

**Sexta, 7 de setembro.** - Toda a sexta-feira e o sábado, até às três horas da madrugada, ficou em calmária.

**Sábado, 8 de setembro.** - Às três da madrugada de sábado começou a ventar do nordeste, e retomou seu rumo a caminho do oeste. Encontrou muito mar pela proa, o que estorrava imensamente a manutenção da rota; e nesse dia percorreria nove léguas, incluindo a noite.

**Domingo, 9 de setembro.** - Percorreu, nesse dia, dezenove léguas, e resolveu contar as que percorria, para que, se a viagem fosse longa,



não se espantasse nem se estarrecesse ninguém. De noite percorreu cento e vinte milhas, o que equivale a trinta léguas<sup>5</sup>. Os marinheiros estavam pilotando mal, desviando-se para a quarta de nordeste, e ainda em meia partida: por isso o Almirante muitas vezes chamou-lhes a atenção.

**Segunda, 10 de setembro.** - Entre o dia e a noite, percorreu sessenta léguas, a dez milhas por hora, o que vem a dar duas léguas e meia; mas só registrava quarenta e oito, para que ninguém se assustasse se a viagem fosse longa<sup>6</sup>.

**Terça, 11 de setembro.** - Nesse dia se mantiveram na rota, que era para o oeste, e percorreram mais de vinte léguas, e viram um grande pedaço do mastro de uma nau, de cento e vinte tonéis, que não puderam recolher. À noite percorreram cerca de vinte léguas, mas registrou apenas dezesseis, pelo motivo já apontado.

**Quarta, 12 de setembro.** - Neste dia, seguindo a rota, percorreram, ao todo, inclusive à noite, trinta e três léguas, registrando menos, pelo motivo já exposto.

**Quinta, 13 de setembro.** - Entre o dia e a noite, mantendo-se na rota, que era rumo a oeste, percorreram trinta e três léguas, e registrou três ou quatro a menos. As correntes lhes foram contrárias. Neste dia, no começo da noite, as bússolas indicavam noroeste, o que na manhã seguinte continuou ainda um pouco a acontecer.

**Sexta, 14 de setembro.** - Navegaram neste dia, mantendo-se rumo a oeste, inclusive à noite, e percorreram vinte léguas; registrou alguma a menos. A essa altura os tripulantes da caravela "Niña" disseram que tinham visto uma gralha e um rabo-de-palha; e essas aves nunca se afastam mais de vinte e cinco léguas da terra firme.

**Sábado, 15 de setembro.** - Navegou neste dia, com a noite incluída, vinte e sete léguas na sua rota para o oeste e algumas mais. E logo no começo da noite viram cair do céu um maravilhoso galho de fogo no mar, a uma distância de quatro ou cinco léguas de onde se encontravam.

**Domingo, 16 de setembro.** - Navegou dia e noite rumo a oeste. Teriam percorrido trinta e nove léguas, mas só registrou trinta e seis. O dia esteve meio nublado: choviscou. Segundo o Almirante, daqui por diante, hoje e sempre, encontrarão clima mui temperado, que dava o maior prazer acordar de manhã, só faltava ouvir rouxinóis. Diz ele: E o tempo era igual ao de abril na Andaluzia. Aqui começaram a ver muitos molhos (manchas?) de algas bem verdes<sup>7</sup> que havia pouco, conforme lhe pareceu, se tinham despregado da terra, e por isso todos julgavam estar perto de alguma ilha; mas não da terra firme, segundo o Almirante, que diz: Porque a terra firme vamos encontrar mais adiante.

**Segunda, 17 de setembro.** - Navegou na rota do oeste e percorreram, entre a noite e o dia, mais de cinquenta léguas. Anotou apenas quarenta e sete. A corrente lhes foi favorável. Viram muitas algas e com frequência, e eram de rochedos e provenientes do lado do Poente. Acreditavam estar próximos da terra. Seguiram os pilotos rumo ao norte, marcando na bússola, e acharam que os ponteiros indicavam noroeste numa grande quarta, e os marinheiros começaram a sentir medo, a ficar melancólicos e sem dizer por quê. O Almirante entendeu; determinou que voltassem a marcar o norte ao amanhacer e acharam que os ponteiros estavam bons. O motivo foi porque a estrela, em vez dos ponteiros, dá impressão de se deslocar no firmamento. Ao amanhecer, nesta segunda-feira, viram quantidade bem maior de algas e que pareciam ser provenientes de rios, nas quais encontraram um caranguejo vivo, que o Almirante guardou. Consta que esses são sinais certos de terra, porque não se acham a menos de oitenta léguas da costa. A

5. Os Diários de Colombo fazem uso indistinto entre léguas e milhas. É importante ressaltar que a légua empregada por Colombo é aquela que era utilizada pelos marinheiros italianos e equivale a quatro milhas. Por convenção, a milha náutica vale 1.852 metros. (N. do E.)

6. A tripulação se angustiava com a viagem para Oeste pois quase todos acreditavam que a terra era plana e que tal jornada poderia conduzi-los ao abismo da beira do mundo. (N. do E.)

7. Estavam navegando pelo Mar dos Sargãos. (N. do E.)



água do mar estava menos salgada desde que partiram das Canárias; o clima, sempre mais brando. Sentiam-se todos muito contentes e os navios que mais podiam avançar se esforçavam para serem os primeiros a avistar terra. Viram muitas toninhas e os tripulantes da "Niña" pergaram uma. Diz aqui o Almirante que são sinais do Poente, "onde confio que esse Deus supremo, de cujas mãos dependem todas as vitórias, muito em breve nos dará terra". Hoje de manhã diz que viu uma ave branca chamada "rabo-de-palha", que não costuma pernoitar no mar.

**Terça, 18 de setembro.** - Navegou, entre dia e noite, mais de cinquenta e cinco léguas, mas só registrou quarenta e oito. O mar, durante todos esses dias, esteve muito traquilo, como o rio em Sevilha. Neste dia, Martín Alonso, com a "Pinta", que é muito veloz, não esperou, porque disse ao Almirante, lá de sua caravela, que tinha visto uma grande revoadada de aves rumando para o Poente e que à noite esperava avistar terra e por isso queria se apressar.

Apareceu do lado norte uma espessa cerração, o que indica vizinhança de terra.

**Quarta, 19 de setembro.** - Navegou na rota, e entre dia e noite percorreram vinte e cinco léguas, pois encontraram calmaria. Anotou vinte e duas. Neste dia, às dez horas, um alcatraz sobrevoou a nau e de tarde avistaram outro, e é pássaro que não costuma afastar-se vinte léguas da terra. Surgiram alguns chuvisqueiros sem vento, o que é indicio seguro de terra. O Almirante não quis parar a barlavento para confirmar essa hipótese; ficou, porém, absolutamente certo de que, no lado do norte e do sul, havia algumas ilhas, como mais tarde se comprovou, e de que estava passando pelo meio delas.

Porque a sua vontade era de agora seguir adiante até as Índias para aproveitar o bom tempo, e porque isso, se aprobevesse a Deus, permitia que na volta vissem tudo: foram essas as suas palavras... Aqui os pilotos descobriram suas posições: a "Niña" achava-se a quatrocentas e quarenta léguas das Canárias; a "Pinta", a quatrocentas e vinte; e a que levava o Almirante, a quatrocentas justas.

**Quinta, 20 de setembro.** - Navegou neste dia rumo a oeste quar-

ta do noroeste e à meia partida, porque muitos ventos foram embora com a calmaria que fez. Percorreram sete ou oito léguas. Dois alcatrazes. sobrevoaram a nau, indicio de proximidade de terra; e viram muitas algas, embora na véspera não tivessem visto nenhuma. Pegaram um pássaro com a mão, e parecia uma gralha; era pássaro de rio e não de mar: tinha as patas feito gaiivota. Ao amanhecer, vieram até o navio dois ou três passarinhos de terra cantando, e depois, antes de raiar o sol, desapareceram. Aí sobreveio outro alcatraz: vinha do oeste-noroeste, porque essas aves dormem na terra e de manhã vão para o mar à cata de alimento, e não se afastam mais de vinte léguas.

**Sexta, 21 de setembro.** - Hoje encontrou-se quase só calmaria com, mais tarde, um pouco de vento. Entre o dia e a noite, avançando a duras penas, percorreram treze léguas. Ao amanhecer encontraram tantas algas que dir-se-ia que o mar estava atulhado delas, e vinham do oeste. Viram um alcatraz. O mar muito liso, como um rio, e o ar mais puro do mundo. Avistaram uma baleia, o que é sinal de proximidade de terra, porque elas sempre andam por perto da costa.

**Sábado, 22 de setembro.** - Navegou mais ou menos a oeste-noroeste, deslocando-se para um e outro lado. Percorreram trinta léguas. Quase não viram algas. Surgiram uns pintaroxos e outra ave.

Diz aqui o Almirante: Muito me ajudou esse vento contrário, porque a minha tripulação andava bastante irritada, pensando que estes mares não fossem varridos por ventos para voltar para a Espanha. Durante uma parte do dia não apareceram algas; depois, em grande quantidade.

**Domingo, 23 de setembro.** - Navegou a noroeste, às vezes à quarta do norte e outras mantendo-se na rota, que era a oeste, e percorreu vinte e duas léguas. Viram uma rola e um alcatraz, e um passarinho de rio e outras aves brancas. Havia algas em profusão, cheias de caranguejos. E como o mar estivesse manso e liso, a tripulação murmurava, dizendo que não havia dúvida de que ali o mar não era grande e que nunca ventaria o suficiente para voltar para a Espanha; mas depois o mar encrepsou-se muito, e sem vento, o que os assombrou, e por isso



diz aqui o Almirante: De modo que me foi bem providencial o mar alto, que não aparecia, a não ser no tempo dos hebreus, quando fugiram do Egipto liderados por Moisés, que os tirou do cativeiro.

**Segunda, 24 de setembro.** - Navegou dia e noite, mantendo-se na rota do oeste, e percorreram quatorze léguas e meia. Registrou doze. Um alcatraz veio até ao navio e também vieram muitos pintaroxos.

**Terça, 25 de setembro.** - Hoje reinou grande calma e depois vento; e seguiram na rota do oeste até à noite. O Almirante ia falando com Martín Alonso Pinzón, comandante da "Pinta", a respeito de um mapa que lhe havia mandado três dias antes para a caravela, onde, ao que parece, o Almirante tinha desenhado algumas ilhas naquele mar<sup>8</sup>. E dizia Martín Alonso que achavam que estavam naquela região, e o Almirante também concordou; mas que, como não tinham dado com elas, isso devia ser por causa das correntes, que sempre levavam os navios para nordeste e que, portanto, não haviam navegado tanto como os pilotos pretendiam. E, estando a situação nesse pé, pediu o Almirante que lhe devolvesse o tal mapa. E, enviado por uma corda, começou o Almirante a examiná-lo com o piloto e os marinheiros. Ao pôr do sol, Martín Alonso subiu à popa de seu navio e, com grande alegria, chamou o Almirante, pedindo-lhe alvissaras, pois via terra. E ao ouvir a confirmação, o Almirante diz que se pôs a render graças a Nosso Senhor de joelhos, enquanto Martín Alonso proclamava *Gloria in excelsis Deo* com a tripulação. No que foram imitados pela do Almirante; e os da "Niña" subiram todos ao mastro e na enxárcia, gritando terra à vista. E assim também pareceu ao Almirante e que faltavam vinte e cinco léguas para alcançá-la. Ficaram todos afirmando até à noite que era terra. O Almirante ordenou que se trocasse a rota, que seria para o oeste, e que fossem todos para o sudoeste, onde havia aparecido terra. Teriam percorrido neste dia quatro léguas e, meia a oeste e, de noite, a sudoeste, dezessete léguas, portanto vinte e uma, embora indicasse treze à tripulação, pois sempre fingia diante deles que percorriam pouco caminho para que não lhes parecesse longo; e assim des-

8. Para fazer esse mapa, Colombo baseou-se noutra feita pelo famoso cartógrafo Toscanelli. (N. do E.)

creveu essa viagem de duas maneiras: a menor foi a falsa, e a maior a verdadeira. O mar estava tão liso que muitos marinheiros se puseram a nadar. Viram muitos dourados e outros peixes.

**Quarta, 26 de setembro.** - Navegou na sua rota para o oeste até depois do meio-dia. Aí desviaram para sudoeste e perceberam que o que se dizia que tinha sido terra não era, e sim céu. Percorrem, entre dia e noite, trinta e uma léguas, mas contou vinte e quatro para a tripulação. O mar estava então feito um rio; o ar, doce e suavíssimo.

**Quinta, 27 de setembro.** - Navegou na sua rota para o oeste. Percorreu, entre dia e noite, vinte e quatro léguas; contou vinte para a tripulação. Surgiram vários dourados; mataram um. Viram um rabo-de-palha.

**Sexta, 28 de setembro.** - Navegou na sua rota para o oeste, percorreram dia e noite, com calma, quatorze léguas; contou treze. Acharam poucas algas. Pegaram dois peixes dourados, mas os outros navios tiveram mais sorte.

**Sábado, 29 de setembro.** - Navegou na sua rota para o oeste. Percorreram vinte e quatro léguas; contou vinte e uma para a tripulação. Devido às calmarias encontradas, pouca distância percorreram entre dia e noite. Viram uma ave que se chama pelicano, que só se alimenta com o que os alcatrazes são forçados por ela a vomitar. É ave do mar, mas não pouca água nem se afasta a mais de vinte léguas da terra. Há muitas desse tipo na ilha de Cabo Verde. Depois vieram dois alcatrazes. O ar é muito doce e gostoso, até parece que só falta ouvir um rouxinol, e o mar liso feito um rio. Apareceram depois, em três ocasiões, três alcatrazes e um pelicano. Viram muitas algas.

**Domingo, 30 de setembro.** - Navegou na sua rota para o oeste. Percorreu, entre dia e noite, por causa da calma, quatorze léguas; anotou onze. Vieram até o navio quatro rabos-de-palha, o que é grande sinal de terra, pois tantas aves da mesma espécie juntas significa que não andam extraviadas nem perdidas. Viram-se quatro alcatrazes em duas oportunidades. Algas, muitas.



Repara que as estrelas da constelação da Ursa Menor, quando anoitece, estão junto ao braço do lado do poente e, quando amanhece, passam para a linha abaixo do braço a nordeste, dando impressão de que, durante toda a noite, percorrem apenas três linhas, o que equivale a nove horas, e isso a cada noite: é o que diz aqui o Almirante. Também ao anoitecer os ponteiros da bússola indicam uma quarta a noroeste e, ao amanhecer, estão em linha reta com a estrela; ao que parece, a estrela se desloca como as outras; e os ponteiros revelam sempre a verdade.

**Segunda, 1º de outubro.** - Navegou na sua rota para o oeste. Percorreram vinte e cinco léguas; contou vinte para a tripulação. Enfrentaram forte chuvaçada. O piloto do Almirante estava hoje, ao amanhecer, com medo de já terem percorrido, desde a ilha de Ferro até aqui, quinhentas e sessenta e oito léguas para o oeste. A conta menor que o Almirante mostrava à tripulação era de quinhentas e oitenta e quatro léguas; mas a verdadeira, que o Almirante calculava e escondia, era de setecentas e sete.

**Terça, 2 de outubro.** - Navegou na sua rota para o oeste, noite e dia, trinta e nove léguas; contou cerca de trinta para a população. O mar, sempre liso e bom.

A Deus muitas graças sejam louvadas, disse aqui o Almirante. As algas, ao contrário do costume, vinham de leste para oeste. Surgiram muitos peixes; matou-se um. Viram uma ave branca que parecia uma gaiota.

**Quarta, 3 de outubro.** - Navegou na sua rota de sempre. Percorreram quarenta e sete léguas; contou quarenta para a tripulação. Apareceram pintarroxos, muitas algas, algumas já velhas e outras bem novas; trazendo uma espécie de fruta; e não viram ave nenhuma.

O Almirante achava que atrás ficavam as ilhas que trazia desenhadas no mapa. Diz aqui o Almirante que não quis parar a barlavento na semana passada e nesses dias em que havia tantos indícios de terra, mesmo tendo conhecimento de ilhas nessa região, para não perder

tempo, pois o seu objetivo era chegar às Índias; e, se parasse, diz que não seria prudente.

**Quinta, 4 de outubro.** - Navegou na sua rota para o oeste. Percorreram, entre dia e noite, sessenta e três léguas; contou quarenta e seis para a tripulação. Vieram mais de quarenta pintarroxos juntos e dois alcatrazes até ao navio, sendo que um recebeu uma pedrada de um marinheiro da caravela. Sobrevoaram a nau um joão-grande e uma ave branca que nem gaiota.

**Sexta, 5 de outubro.** - Navegou na sua rota. Percorreram onze milhas por hora. Entre a noite e o dia percorreram cinquenta e sete léguas, porque o vento diminuiu um pouco durante a noite; contou quarenta e cinco para a tripulação. O mar em bonança e liso.

A Deus — diz — muitas graças sejam dadas.  
O ar, muito doce e temperado; algas, nenhuma; pintarroxos, muitos; várias andorinhas-do-mar passaram voando sobre a nau.

**Sábado, 6 de outubro.** - Navegou na sua rota para sueste ou oeste, que dá no mesmo. Percorreram quarenta léguas entre dia e noite; contou trinta e três para a tripulação. Nesta noite Martín Alonso disse que seria bom navegar à quarta do oeste, para o lado do sudoeste; e pareceu ao Almirante que Martín Alonso não dizia isso por causa da ilha de Cipango, e o Almirante achava que se se enganassem não poderiam tão cedo encontrar terra e que era preferível primeiro procurar terra firme e depois as ilhas.

**Domingo, 7 de outubro.** - Navegou rumo a oeste; percorreram doze milhas por hora durante duas horas; depois oito, fazendo, até à uma hora da tarde, vinte e três léguas. Contou dezoito para a tripulação. Neste dia, ao nascer do sol, a caravela "Niña", que ia na frente por ser mais veloz, e se apressava ao máximo para ser a primeira a ver terra, a fim de gozar dos favores prometidos pelos monarcas aos primeiros que a vissem, içou uma bandeira no alto do mastro e disparou uma bombarda como sinal de que a tinham enxergado por fim, porque assim determinara o Almirante. Havia também determinado que ao



nascer e ao pôr do sol se juntassem todos os navios com o dele, porque essas duas ocasiões são mais propícias para que os humores se disponham a ver mais longe. Como à tarde não enxergassem a terra que os da caravela "Niña" julgavam ter visto e porque passava uma grande revoadada de aves do lado do norte para o sudoeste (levando a crer que iam dormir em terra ou talvez fugissem do inverno, que nas terras de onde vinham decerto estava por chegar, pois o Almirante sabia que a maioria das ilhas pertencentes aos portugueses foram descobertas pelas aves), o Almirante, por isso, concordou em deixar a rota do oeste e virar a proa para sudoeste, com a determinação de viajar dois dias naquele rumo. Isso começou uma hora antes do pôr do sol. Percorreram, em toda a noite, cerca de cinco léguas, e vinte e três durante o dia. Foram, ao todo, vinte e oito léguas.

**Segunda, 8 de outubro.** - Navegou a oés-sudoeste e fizeram entre dia e noite onze léguas e meia ou doze, e às vezes parece que percorreram durante a noite quinze milhas por hora, se a letra não mente. Encontraram o mar feito o rio de Sevilha; graças a Deus, diz o Almirante. O ar, dulcíssimo, como em abril em Sevilha, que dá prazer respirá-lo, de tão perfumado que é. As algas pareciam bem novas; muitos passarinhos como os do campo; e conseguiram pegar um que ia fugindo para o sudoeste, gralhas e gansos, e um alcatraz.

**Terça, 9 de outubro.** - Navegou para o sudoeste. Percorreu cinco léguas; o vento mudou e soprou para o oeste quarta a noroeste, e fez quatro léguas. Depois, ao todo, onze léguas de dia e as da noite, vinte léguas e meia. Contou dezessete para a tripulação. A noite inteira escutarão revoadas de pássaros.

**Quarta, 10 de outubro.** - Navegou para oés-sudoeste. Percorreram, a dez milhas por hora e às vezes doze e até sete, e entre dia e noite, cinquenta e nove léguas. Contou apenas quarenta e quatro para a tripulação. Aqui os marinheiros já não agüentavam mais; queixavam-se da longa viagem<sup>9</sup>. O Almirante, porém, incentivou-os o quanto pôde,

9. A ameaça de um motim — em função dos temores e angústias da tripulação — era constante, e Colombo sabia disto. (N. do E.)

dando-lhes boa esperança das vantagens que poderiam obter. E acrescentou que não adiantava se queixarem, pois que ele tinha vindo para as Índias e que assim haveria de prosseguir até encontrá-las com a ajuda segura de Nosso Senhor.

**Quinta, 11 de outubro.** - Navegou para oés-sudoeste. Enfrentaram muito mar e mais do que em toda a viagem haviam enfrentado. Viram pintarroxos e um junco verde junto à nau. Os tripulantes da caravela "Pinta" viram um talo de cana de açúcar e um pedaço de pau, e apanharam outro pauzinho lavrado semelhante a uma barra de ferro, e um talo de cana e outra erva que brota em terra e uma tabuinha. Os da caravela "Niña" também viram outros indícios de terra e um pauzinho coberto de caramujos. Diante desses sinais, todos respiraram e se alegraram. Percorreram neste dia, até o pôr do sol, vinte e sete léguas. Depois que anoiteceu voltou a navegar na sua primeira rota para o oeste; fizeram doze milhas por hora; e até às duas da madrugada percorreram mais noventa, o que equivale a vinte e duas léguas e meia. E por ser a caravela "Pinta" a mais veloz e ir na frente do Almirante, achou terra e fez os sinais pedidos pelo Almirante. Quem primeiro enxergou foi um marinheiro que se dizia chamar Rodrigo de Triana; aí então o Almirante, às dez da noite, estando no castelo da popa, distinguiu luz, embora fosse tão débil que não quis afirmar que fosse terra; mas chamou Pedro Gutiérrez, incumbido de armar estrados para El-Rei, e disse-lhe que parecia luz, e que olhasse, o que ele fez e viu; disse também a Rodrigo Sánchez de Segovia, que El-Rei e a Rainha enviavam na armada como inspetor, que nada viu porque não estava em posição de poder ver. Depois que o Almirante lhe disse, vislumbrou, uma ou duas vezes, o que mais parecia uma velinha de cera que se levantava e sacudia, e que bem poucos interpretaram como sinais de terra. O Almirante, porém, tinha certeza de que era. Por isso, quando rezaram a *Salve*, que todos os marinheiros costumavam dizer e cantar à sua maneira, e estavam todos reunidos, o Almirante pediu e aconselhou a que montassem guarda no castelo de proa, e olhassem bem à procura de terra, e que ao primeiro que lhe dissesse que enxergava, lhe daria prontamente um gibão de seda, sem os outros favores que os monarcas tinham prometido, que eram dez mil maravedis de juro ao primeiro que



viaçasse. As duas horas da madrugada surgiu terra, da qual estariam a apenas duas léguas de distância. Arriaram todas as velas e ficaram sópa, contempORIZANDO até a sexta-feira, quando chegaram a uma ilha dos Lucaios<sup>10</sup>, que em língua de índios se chamava "Guanahani"<sup>11</sup>. Logo apareceu gente nua, e o Almirante saiu rumo à terra no barco armado, com Martín Alonso Pinzón e Vicente Anés (Vicente Yáñez), seu irmão, e comandante da "Niña". O Almirante empunhou a bandeira real e os comandantes as duas bandeiras da Cruz Verde, que o Almirante levava como emblema em todos os navios, com um F e um Y. Por cima de cada letra, a respectiva coroa, a primeira feita de um cabo da cruz e a segunda do outro. Ao desembarcar viram árvores muito verdes, muitas águas e frutas de várias espécies. O Almirante chamou os dois comandantes e demais acompanhantes, e Rodrigo de Escovedo, escreveu de toda a armada, e Rodrigo Sánchez de Segovia, e pediu que lhe dessem por fé e testemunho como ele, diante de todos, tomava, como de fato tomou, posse da dita ilha em nome de El-Rei e da Rainha, seus soberanos, fazendo os protestos que se requeriam, como mais extensamente se descreve nos testemunhos que ali se procederam por escrito. Logo viram-se cercados por vários habitantes da ilha. O que se segue são palavras textuais do Almirante, em seu livro sobre a primeira viagem e descobrimento dessas índias:

"Eu — diz ele —, porque nos demonstraram grande amizade, pois percebi que eram pessoas que melhor se entregariam e converteriam à nossa fé pelo amor e não pela força, dei a algumas delas uns gorros coloridos e umas miçangas que puseram no pescoço, além de outras coisas de pouco valor, o que lhes causou grande prazer e ficaram tão nossos amigos que era uma maravilha. Depois vieram nadando até os barcos dos navios onde estávamos, trazendo papagaios e fio de algodão em novelos e lanças e muitas outras coisas, que trocamos por coisas que tínhamos conosco, como miçangas e guizos. Enfim, tudo aceitavam e davam do que tinham com a maior boa-vontade. Mas me

10. Talvez "lucaios" não passe de uma corruptela de "lecuios" (ou "lequios"), habitantes de ilhas mitológicas que a tradição situava entre a Europa e a Ásia. (N. do E.)

11. Colombo chegou nas Bahamas, na ilha que hoje se chama Watlings. (N. do E.)





pareceu que era gente que não possuía praticamente nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga. E todos os que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos de idade: muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pêlo do rabo de cavalos, e curtos; caem por cima das sobrancelhas, menos uns fios na nuca que mantêm longos, sem nunca cortar. Eles se pintam de preto, e são da cor dos canários, nem negros nem brancos, e se pintam de branco, e de encarnado, e do que bem entendem, e pintam a cara, o corpo todo, e alguns somente os olhos ou o nariz. Não andam com armas, que nem conhecem, pois lhes mostrei espadas, que pegaram pelo fio e se cortaram por ignorância. Não têm nenhum ferro: as suas lanças são varas sem ferro, sendo que algumas têm no cabo um dente de peixe e outras uma variedade de coisas. Todos, sem exceção, são de boa estatura, e fazem gesto bonito, elegantes. Vi alguns com marcas de ferida no corpo e, por gestos, perguntei o que era aquilo e eles, da mesma maneira, demonstraram que ali aparecia gente de outras ilhas das imediações com a intenção de capturá-los e então se defendiam. E eu achei e acho que aqui vêm procedentes da terra firme para levá-los para o cativo. Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar. Não vi nesta ilha nenhum animal de espécie alguma, a não ser papagaios.”

Todas as palavras que acabo de transcrever são do Almirante e nelas se refletem as impressões que colheu no primeiro contato com os índios.

**Sábado, 13 de outubro.** - Assim que amanheceu, veio até à praia uma porção desses homens, todos jovens, como já disse, e todos de boa estatura. É gente muito bonita: os cabelos não são crespos, mas lisos e grossos, como cerdas de cavalo, e todos de rosto e cabeça bem mais largos que qualquer geração que tenha visto até agora, com olhos muito bonitos e nada pequenos, e entre eles não há nenhum negro, a



não ser da cor dos canários; nem se deve esperar outra coisa, pois esta terra está a leste-oeste da ilha do Ferro, na Canária, em linha reta. Todos, sem excepção, têm pernas bem torneadas, e nenhum tem barba, e não ser muito bem-feita. Vieram até a nau em pirogas, feitas do tronco de uma árvore, como um barco comprido e de um só pedaço, e lavadas que eram uma maravilha, segundo o costume local, e tão grandes que algumas continham quarenta ou quarenta e cinco homens, e outras, menores, onde inclusive cabia apenas uma pessoa. Removiam com uma pé semelhante às de forno e correm que dá gosto; e quando emborcavam, todos logo se põem a nadar para endireitá-las, esvaziando-as com cabeças que levam junto com elas. Traziam novelos de algodão destinao, papayanos, lanças e outras miudezas que seria cansativo enumerar, querendo tocar por qualquer coisa que a gente desse. E eu sempre advertia, me esforçando para saber se havia ouro, e vi que alguns traziam um pedacinho ganhado num ferro que têm no nariz e, por sinais, conseguí entender que indo para o sul ou contornando a ilha naquela direcção, encontraria um rei que tinha grandes taças disso e em vasta quantidade. Sugiui que fossem buscar e depois vi que não com-  
presentiam a minha ideia. Resolvei esperar até amanhã de tarde e então parti rumo ao sudoeste, pois, segundo muitos indicaram, havia terras ao sul e ao sudoeste, e que esses do noroeste eram muitas vezes atacadas por franceses, e desse modo ir ao sudoeste à procura de ouro e pedras preciosas naquelas lugares.

Essa ilha é imensa e muito plana, de árvores verdíssimas e muitas águas, com uma vasta lagoa no meio, sem nenhuma montanha e tão verde que dá prazer só em olhá-la; e os habitantes são tão sossegados e com tanta vontade de ganhar nossas coisas que, temendo não receber nada se não deram algo em troca, quando não têm, pegam o que pedem e se põem logo a nadar, mas tudo o que possuem, trocam por qualquer coisa que se lhes dá, e pegavam até os cacos de gamelas e das taças quebradas; inclusive vi trocaram dezesseis novelos de algodão por três cacos portugueses, que valiam uma branca de Castela, e nels havia mais de uma arroba de algodão destinao. Isso eu preservaria, sem deixar que ninguém se aproveitasse, a não ser que mandasse recolher

\* Branca, antiga moeda portuguesa, equivalente à quarta parte de um marawedi. (N. do T.)

tudo para V. M., se houvesse em grande quantidade. Aqui, nasce nesta ilha, mas pelo pouco tempo de que disponho não pude dar assim fé de tudo, e aqui também nasce o ouro<sup>12</sup> que trazem pendurado no nariz, mas, para não perder tempo, quero ir ver se consigo encontrar a ilha de Cipango<sup>13</sup>. Agora, como já é noite, todos voltaram para a terra em suas canoas.

**Domingo, 14 de outubro.** - Ao amanhecer, mandei enfeitur o bateda da nau e os barcos das caravelas e percorri a ilha pelo comprido, na direcção do nordeste, para ver o outro lado, que ficava a leste, e também para ver os povoados e avisei logo dois ou três, e as pessoas que vinham todas à praia, chamando por nós e rendendo graças a Deus. Uns nos traziam água; outros, coisas de comer; outros ainda, quando viam que ninguém pretendia se aproximar da terra, lançavam-se ao mar e vinham nadando, e entendíamos que nos perguntavam se tinhamos vindo do céu. E também apareceu um velho na parte inferior do batel e outros, em altos brados, chamavam todos os homens e mulheres:

— Venham ver os homens que chegaram do céu; e tragam-lhes de comer e beber.

Veio uma porção, com muitas mulheres, cada um trazendo algo, rendendo louvores a Deus, jogando-se ao chão e levantando as mãos para o céu e depois gritando para que fôssemos até à terra. Mas fiquei com medo ao deparar com uma grande restinga de pedras que cerca toda a costa dessa ilha e no meio o porto parece tão fundo que deve dar para quantas naus existir em toda a Cristandade, com entrada muito estreita. É verdade que dentro dessa faixa há alguns baixios, mas o mar não se mexe mais que dentro de um poço. E para ver tudo isso me abalei esta manhã, para que pudesse fazer relação de tudo a Vossas Majestades, e também onde pudesse construir uma fortificação e vi um pedaço de terra que se assemelha a uma ilha, embora não seja, em que havia seis casas, que se poderia explorar em dois dias; embora não veja necessidade, porque essa gente é muito simples em matéria de armas, como verão Vossas Majestades pelos sete que mandei captu-

12. Até o século XVII, acreditava-se que o ouro "nascia" nas minas que, portanto, seriam inegotáveis. (N. do E.)

13. Cipango, o Japão de Marco Polo. (N. do E.)

rar para levar à vossa presença, apertou a minha língua, e trazê-los de volta, a menos que Vossas Majestades preferiam mantê-los em Castela ou conservá-los cativos na própria ilha<sup>14</sup>, porque bastam cinqüenta homens para subjugar todos e mandá-los fazer tudo o que se quiser. Além disso, junto à referida ilhota existem hortas de árvores das mais bonitas que já vi, tão verdes que as folhas lembram as de Castela nos meses de abril e maio, e muita água. Olhei para todo aquele porto e depois voltei à nau e levantei vela, e vi tantas ilhas que nem sabia determinar à qual iria primeiro. E aqueles homens que tinha capturado faziam sinais, dizendo que eram tantas e tantas, que não havia número e nomearam pelo nome mais de cem. Por isso, Olhei para a maior e para ela resolvi me dirigir e assim faço, e deve estar a uma distância de cinco léguas desta de San Salvador e de umas mais e de outras menos. São todas muito planas, sem montanhas, muito férteis e todas povoadas e entram em guerra entre si, embora sejam bem simples e os corpos dos homens muito lindos.

**Segunda, 15 de outubro.** - Havia contemporizado esta noite com receio de não chegar em terra para ancorar antes do amanhecer e por não saber se a costa estava livre de baixios e, com o nascer do sol, começar a navegar. E como a ilha ficasse a uma distância de mais de cinco léguas, talvez até sete, e a maré me deteve, seria meio-dia quando lá cheguei. E como dali avistei outra maior a oeste, soltei as velas para viajar todo aquele dia até à noite, porque ainda não tinha conseguido chegar ao cabo do oeste, a cuja ilha dei o nome de "Santa Maria de la Conception."<sup>15</sup> E quase ao pôr do sol me aproximei do referido cabo para saber se ali tinha ouro, porque esses que mandei capturar na ilha de San Salvador me diziam que ali andavam com argolas de ouro muito grandes nas pernas e nos braços. Já estava achando que tudo o que dizem era puro pretexto para fugirem. Contudo, a minha vontade era a de não passar por nenhuma ilha sem tomar posse. E aqui cheguei e estou até hoje, terça-feira, pois ao amanhecer fui à terra com os barcos armados e desci; e eles, que eram vários e estavam nus, nas mesmas

14. Nenhum desses índios retornou à terra natal. Morreram na travessia ou na própria Espanha, de doenças comuns como gripe e varíola. (N. do E.)

15. É a ilha chamada hoje de Cayo Rum. (N. do E.)

condições de San Salvador, nos deixavam andar pela ilha e nos davam o que se lhes pedia. E como o vento soprava na travessia sudeste, não quis me deter e parti para a nau, levando uma canoa abandonada a bordo da caravela "Niña", onde já de outro cabo vinha uma pequena canoa com um homem que viera buscar um novelo de algodão, e alguns marinheiros se lançaram ao mar, porque ele não queria entrar na caravela, e o capturaram. E eu, que estava na popa da nau, e a tudo assisti, mandei chamá-lo e lhe dei um gorro vermelho e umas miçangas verdes que lhe coloquei no braço e dois guizos que lhe coloquei nas orelhas e mandei que voltasse para a canoa, que também vinha no barco, e o enviei à terra. E logo soltei velas para ir à ilha grande que avistava a oeste e mandei largar também a outra canoa que a caravela "Niña" trazia à popa. E assim parti, mais ou menos às dez horas, com vento sudeste, e ia de sul para essa outra ilha, vastíssima, e onde todos esses homens que trago de San Salvador indicam que há verdadeiro esbanjamento de ouro; ostentando-o em feito de argolas nos braços e pernas e nas orelhas, nariz e pescoço. São ilhas verdejantes, férteis e de clima mui brando, e podem conter uma porção de coisas que ignoro, pois não quero perder tempo com escalas destinadas a percorrer tantas ilhas a fim de achar ouro. E, no entanto, estas dão assim indícios pelo que trazem nos braços e nas pernas, e é ouro, porque lhes mostrei alguns pedaços do que tenho. Não posso errar e com a ajuda de Nosso Senhor hei de encontrá-lo onde nasce.

E estando a meio golfo dessas duas ilhas — isto é, daquela de Santa Maria e desta grande, à qual dou o nome de "Fernandina"<sup>16</sup> —, achei um homem sozinho dentro de uma canoa que se dirigia da ilha de Santa Maria para a Fernandina, e trazia um pedaço de pão, que seria do tamanho de um punho, uma cabaca de água, um naco de terra vermelha reduzida a pó e depois amassada, e folhas secas, que devem ser coisa muito apreciada por eles<sup>17</sup>. Pedi que entrasse na nau, que era o que ele queria, e mandei colocar a canoa no navio e guardar tudo o que trazia; e que lhe trouxessem pão com mel e bebida. E assim vou levá-lo até a Fernandina e lhe devolver tudo o que é seu, para que dê boas novas de nós e assim, se Nosso Senhor quiser, quando

16. Fernandina hoje chama-se Long Island. (N. do E.)

17. É a primeira referência ao tabaco na literatura ocidental. (N. do E.)



Vossas Majestades enviem para cá emissários, que aqueles que vierem recebam honrarias e lhes dêem de tudo o que houver.

**Terça, 16 de outubro.** - Parti das ilhas de Santa Maria de la Concepcion para a Fernandina, que parece ser vastíssima a oeste, e naveguei o dia inteiro com calma. Contemporizei a noite toda até o amanhecer para chegar a um povoado, onde ancorarei e onde já havia chegado aquele homem que encontrei na canoa a meio golfo. Tinha dado tantas boas notícias nossas que durante a noite não faltaram canoas a bordo da nau, trazendo-nos água e o que tinham. Eu mandei dar algo a cada um: por exemplo, dez ou doze miçangas presas por um fio, e soalhas de latão, dessas que em Castela custam um maravedi cada uma, e alguns cordões com agulhetas, e por tudo expressavam altíssimo apreço, e também lhes mandei dar, para que comessem, mel açucarado. E depois, às três da tarde, enviei o batel da nau à terra para buscar água, e eles, com a maior boa-vontade, mostraram a meus tripulantes onde encontrá-la, e se encarregaram de trazê-la pessoalmente em barris cheios ao batel, alegrando-se muito em nos comprazer.

Agora, escrevendo isto, soltei a vela com o vento sul para rodear toda a ilha e me empenhar para encontrar Samoet, que é a ilha ou cidade onde está o ouro, segundo dizem todos os que vêm até à nau e também diziam os habitantes da ilha de San Salvador e de Santa Maria. Essa gente é semelhante às das referidas ilhas, tanto na língua como nos costumes, só que os daqui me parecem um pouco mais domésticos, de trato, e mais perspicazes, pois vejo que trouxeram algodão aqui para a nau. E ainda nesta ilha vi panos de algodão feito mantilhas e as pessoas mais gentis, e as mulheres trazem na frente do corpo um pedacinho de tecido de algodão que mal lhes cobre as partes pudendas. Não me consta que professes alguma religião e acho que bem depressa se converteriam em cristãos, pois têm muito boa compreensão. Aqui os peixes são tão maiores do que os nossos que é uma verdadeira maravilha. Há também baleias. Não vi nenhum bicho, de espécie alguma, em terra, só papagaios e lagartos. Outro dia um marinheiro me disse que viu uma cobra grande.

**Quarta, 17 de outubro.** - Ao meio-dia parti do povoado onde es-

tava ancorado e onde peguei água para ir rodear a Fernandina e, por essa rota, ir à ilha que os índios chamam de Samoet, onde está o ouro. Martín Alonso Pinzón, comandante da caravela "Pinta", à qual mandei três desses índios, veio até a mim dizendo que um deles lhe havia dado a entender, sem possibilidade de engano, que pelo lado do noroeste bem mais rapidamente circundaria a ilha; vi que o vento não me ajudava pelo caminho que queria seguir e que era bom pelo outro. Soltei a vela para nor-noroeste e quando cheguei perto do cabo da ilha, a duas léguas de distância, encontrei um porto simplesmente maravilhoso, com uma foz, até duas, pode-se dizer, pois tem um ilhéu no meio e as duas são bem estreitas e, no interior, tão amplas que caberiam cem navios, se o fundo fosse limpo e profundo na entrada. E por ter imaginado, quando vi, que era a foz de algum rio, mandei levar barris para buscar água e em terra encontrei cerca de oito ou dez homens que logo se aproximaram de nós e nos mostraram ali perto o povoado, aonde pedi que os tripulantes fossem pegar água, um grupo com armas e os outros com os barris. E assim fizeram; e como ficava bastante longe, esperei quase duas horas. Nesse meio tempo perambulei entre as árvores, contemplando todo aquele verdor e em tal grau como no mês de maio em Andaluzia. Os habitantes se assemelhavam aos que já tínhamos encontrado, nas mesmas condições, também nus e com idêntica estatura. E ali encontraram um que usava no nariz um pedaço de ouro que lembrava a metade de um castelhano\*, e que trazia uns dizeres. Insisti para que não regateassem e dessem o que pedia, para ver o que era e que moeda seria essa; e me responderam que nunca ousariam regatear.

Hoje choveu muito forte desde a meia-noite até quase amanhecer e o dia ainda continua nublado como se fosse chover. É assim, desde que estou nestas índias, não há dia que não chova, pouco ou muito. Creiam-me, Vossas Majestades, que esta terra é a melhor e mais fértil, temperada, plana e boa que tem no mundo.

**Quinta, 18 de outubro.** - Depois que clareou seguí o vento e andei ao redor da ilha o quanto pude e só ancorarei na hora que não era mais de navegar; mas não fui até à terra e ao amanhecer soltei as velas.

\*Castelhano, antiga moeda de ouro. (N. do T.).



**Sexta, 19 de outubro.** - Ao amanhecer levantei âncora, enviei a caravela "Pinta" para leste e sudeste, a "Niña" para sudoeste, e fui com a nau para sudeste. Dei ordem para que efetuassem aquela volta até o meio-dia, e que depois ambas mudassem de rumo e se recolhessem junto a mim. Não demorou muito, antes que navegássemos três horas, para avistarmos uma ilha ao leste, para onde nos dirigimos. E chegamos a ela, todos os três navios, antes do meio-dia, na ponta do norte; esses homens de San Salvador que trago comigo disseram que é a ilha Samoet, à qual denominei de "Isabela"<sup>18</sup>. A costa corria a oeste até um cabo, que chamei de "Cabo Hermoso", redondo e bem fundo. E ali ancoriei hoje à noite, sexta-feira, até amanhã. Esta costa tem muitas árvores, bem verdes e muito grandes, e a terra é mais alta do que as outras ilhas já descobertas. E veio um cheiro tão bom e tão suave das flores e árvores, que era a coisa mais doce do mundo.

**Sábado, 20 de outubro.** - Hoje, ao nascer do sol, levantei âncora de onde estava com a nau parada nesta ilha de Samoet no cabo do sudeste, onde dei o nome de "Cabo de la Laguna", e à ilha de Isabela, para navegar para nordeste e leste do lado do sudeste e do sul, onde ouvi falar, por esses homens que trago junto comigo, que fica o povoado e o respectivo rei. E por ser perigoso ancorar nestas ilhas, a não ser de dia, quando se enxerga direito o lugar em que se lança a âncora, pois são tudo manchas, às vezes limpas, outras não, me pus a contentar porizer à vela toda esta noite de domingo.

**Domingo, 21 de outubro.** - Às dez horas cheguei aqui, neste cabo do ilhéu, e ancoriei, e o mesmo fizeram as caravelas. E, depois de ter comido, fui até à terra, onde não havia por povoado mais que uma casa, na qual não achai ninguém. Creio que fugiram de medo, porque todas as coisas estavam em suas devidos lugares. Não deixei que se tocassem em nada, só sei com os dois comandantes e a tripulação para ver a ilha; que se as outras já vistas são muito bonitas, verdejantes e férteis, esta é ainda mais, com arvoredo grandes e bem verdes. Aqui tem grandes legumes e, dentro delas e em volta, o arvoredo é uma ma-

<sup>18</sup> É a ilha que hoje se chama Crooked Island, a leste das Bahamas. (N. do E.)

ravilha, e aqui em toda a ilha está tudo verde e as folhagens lembram o mês de abril em Andaluzia; e o canto dos passarinhos dá vontade de nunca mais ir embora, e os bandos de papagaios chegam a escurecer o sol; e há tantas espécies de aves e passarinhos, e tão diferentes dos nossos, que deslumbra a vista.

Também à procura de água boa fomos parar num povoado perto daqui; e os habitantes, assim que notaram a nossa presença, saíram todos fugindo, deixando as casas, e escondendo a roupa e o que tinham no mato. Não deixei que meus homens pegassem em nada, por insignificante que fosse.

Depois alguns deles se aproximaram de nós, sendo que um se manteve bem próximo. Eu lhe dei guizos e miçangas e ele ficou muito contente e alegre. E para que a amizade aumentasse e pudesse solicitar favores, mandei pedir água, e eles, quando voltei para a nau, vieram logo à praia com as cabças cheias, demonstrando grande prazer em trazê-la para nós.

Se o tempo permitir, logo partirei a circundar esta ilha até seguir falar com o cacique e ver se posso obter dele o ouro que ouço dizer que usam, e depois partir para outra ilha vastíssima, que acho que deve ser Cipango, segundo os sinais que fazem esses índios que viajam comigo, à qual chamam de "Colba"<sup>19</sup>, e de uma outra a que dão o nome de "Bosio"<sup>20</sup>. E as que ficam no meio verei logo assim, de passagem, e conforme descubra vestígio de ouro ou especiarias, resolverei o que hei de fazer.

Agora, porém, já me determinei a ir à terra firme, e também à cidade de Quisay,<sup>21</sup> para entregar as cartas de Vossas Majestades ao Grande Cã, pedir resposta e regressar com ela.

**Segunda, 22 de outubro.** - A noite inteira e todo o dia de hoje estive aqui aguardando para ver se o Cacique local ou outras pessoas

19. É Cuba, foi um erro do copista ou do próprio Colombo, que talvez tenha entendido mal aos índios. (N. do E.)

20. Deve ser lido "Bóhio", como os índios chamavam o atual Haiti (que Colombo batizou de La Espanhola). (N. do E.)

21. Nome que Marco Polo (cujo relato será o volume três da série *Viado do Paraíso*, da coleção L & PM/História) deu a cidade de King-See, que figurava no mapa que Toscanelli fez. (N. do E.)



trariam ouro ou qualquer coisa de valor, e viriam muitos habitantes, parecidos com os que encontramos nas outras ilhas. Alguns usavam pedaços de ouro pendurados no nariz, que de bom grado trocavam por miçangas; mas é tão pouco, que nem vale a pena; e é verdade que se contentam com tudo o que se lhes dê, e consideram a nossa chegada como uma verdadeira maravilha, achando que viemos do céu.

**Terça, 23 de outubro.** - Hoje queria partir para a ilha de Cuba, que acho que deve ser Cipango. E no entanto não soltei nem solto vela, pois não tem vento, só a mais absoluta calma, e chove muito.

**Quarta, 24 de outubro.** - Ontem à meia-noite levantei âncora do Cabo da ilha Isabela, pois assim a chamei, onde estava descansando, para ir à ilha de Cuba, pois ouvi essa gente dizer que é muito grande e movimentada, contendo ouro e especiarias, naus grandes e mercadores. Naveguei até o romper do dia a oés-sudoeste, e ao amanhecer o vento diminuiu e choveu, e assim quase toda a noite. E como já estava ventando forte e eu não sabia a distância que ainda faltava para chegar à referida ilha de Cuba, e para não ter que procurá-la no escuro, mandei arriar o traquete e não percorremos esta noite nem duas léguas.

**Quinta, 25 de outubro.** - Naveguei depois do nascer do sol a oés-sudoeste até às nove horas. Depois mudou de direção para o oeste. Fizem oito milhas por hora até à uma da tarde, e daí até às três, percorrendo ao todo quarenta e quatro milhas. Então viram terra, e eram sete ou oito ilhas, todas pelo comprido, de norte a sul; distavam delas cinco léguas, etc.

**Sexta, 26 de outubro.** - Os índios que levava disseram que havia entre estas ilhas e Cuba um dia e meio de percurso em suas pirogas, que são barquinhos de madeira e sem vela, que chamam de canoas. Partiu de lá para Cuba, pois pelos sinais que os índios lhe davam de sua extensão e do ouro e das pérolas que encontraria por lá, julgava que fosse ela; ou, convém que se saiba, Cipango.

**Sábado, 27 de outubro.** - Ao nascer do sol levantou âncora des-

as ilhas, que denominou de "Arena", por causa do fundo raso que tinham do lado do sul até a uma distância de seis léguas. Fez oito milhas por hora até à uma da tarde a sul-sudoeste, e percorreram quarenta milhas, e até à noite percorreram mais vinte e oito milhas na mesma direção; e antes de escurecer viram terra. Ficaram consertando os navios até o pôr do sol, a dezessete léguas a sul-sudoeste.

**Domingo, 28 de outubro.** - Saiu dali em busca da ilha de Cuba a sul-sudoeste e entrou num rio belíssimo e sem o menor risco de baixos ou outros obstáculos. Diz o Almirante que nunca viu coisa mais bonita: cheio de árvores, cobrindo as margens de ponta a ponta, lindas e verdes, e diferentes das nossas, com flores e com seus frutos. Muitas aves e passarinhos, a cantar com a maior doçura. O Almirante saltou no barco e foi até à terra, chegando a duas casas que julgou ser de pescadores e que teriam fugido de medo. Numa delas achou um cachorro que nem sequer latiu e em ambas havia redes de fibra de palmeira e cordões, e anzol de chifre, arpões de osso e outros apetrechos de pesca.

Deu ordens para que ninguém tocasse em nada e assim fizeram. Voltou ao barco e percorreu rio acima um bom pedaço e diz que foi um grande prazer contemplar todo aquele verdor e arvoredos.

Diziam os índios que nessa ilha havia minas de ouro e pérolas, e o Almirante viu um local propício para elas e amêijoas, que é indício delas, e entendia o Almirante que ali acorriam naves do Grande Cá, e de grande porte, e que de lá até à terra firme a jornada seria de dez dias. E chamou aquele rio e porto, o Almirante, de "San Salvador".

**Segunda, 29 de outubro.** - Levantou âncora desse porto e navegou ao poente para ir, segundo diz, à cidade onde lhe parecia que os índios diziam que estava o cacique. Viu um rio, cuja foz não era tão grande e ao qual deu o nome de "la Luna". Viu outro, bem maior que os demais, em cujas cercanias havia bons povoados de cassas: chamou-o de "rio de Mares". Enviou dois barcos a um povoado para pedir informações, e a um deles um dos índios dos que trazia. Todos os homens, mulheres e crianças fugiram, esvaziando as casas de tudo o que tinham; e o Almirante ordenou que não se tocasse em nada. As casas estavam construídas em feição de pavilhão, eram espaçosas e todas de



belíssimos ramos de palmeiras. Encontraram várias estátuas em forma de mulheres e várias cabeças, muito bem esculpidas, em moldes de carrancas. Havia cachorros, mas nem latiram. A água na foz daqueles rios era salgada: não ficaram sabendo onde os índios buscavam a que bebiam, embora em suas casas houvesse água doce. Achou caracóis bem grandes, mas sem nenhum sabor; não eram como os da Espanha. Marcou a posição do rio e do porto, dando-lhes o nome de "San Salvador".

**Terça, 30 de outubro.** - Saiu do rio de Mares a noroeste e viu um cabo cheio de palmeiras, que chamou de "Cabo de Palmas". Os índios que iam na caravela "Pinta" disseram que atrás desse cabo existia um rio e que entre ele e Cuba havia quatro jornadas; e disse o comandante da "Pinta" que tinha impressão que essa Cuba era uma cidade situada em vastíssima terra firme que se estendia muito para o norte, e que o cacique local estava em guerra com o Grande Cf, a quem chamavam de "Camí", e, à terra ou cidade, de "Fava", e muitos outros nomes. O Almirante decidiu chegar naquele rio e mandar um presente ao Cacique, entregando-lhe a carta dos Monarcas. Para isso dispunha de um maninho que já tinha estado na Guiné, e certos índios de Guanahani que queriam ir junto com ele, e que depois, como recompensa, seriam levados de volta para a sua terra.

**Quarta, 31 de outubro.** - Ficaram toda a noite de terça-feira a barlavento, e viu um rio onde não pôde entrar por ser rasa a foz; e os índios pensaram que os navios pudessem passar como faziam com as suas canoas. Por isso e como o céu indicava que iam ter ventos fortes, preferiu regressar ao rio de Mares.

**Quinta, 1.º de novembro.** - Ao nascer do sol, o Almirante enviou os barcos para a terra até às casas que ali haviam e descobriram que todos os habitantes tinham fugido. Não demorou muito e apareceu um homem, e o Almirante ordenou que o deixassem em paz e regressem aos barcos. E depois de comer tornou a enviar para a terra um dos índios que levava<sup>22</sup>, e que de longe gritou que não precisavam ter

22. Trata-se de Diego Colombo. (N. do E.)

medo porque eram boas pessoas e não faziam mal a ninguém, nem pertenciam ao Grande Cf, antes pelo contrário, davam do que era seu em muitas ilhas em que haviam estado; e o índio lançou-se a nadar e foi até à terra, e dois dos que estavam lá o pegaram pelo braço e o levaram a uma casa para ser interrogado. E quando ficaram certos de que ninguém lhes queria fazer mal, se tranquilizaram e vieram logo até os navios em mais de dezesseis pirogas, ou canoas, trazendo algodão desfado e outras insignificâncias, das quais o Almirante ordenou que não se tomasse nada, para que soubessem que ele só procurava ouro, que chamam de "nucay". E assim passaram o dia inteiro indo e vindo entre a terra e os navios, enquanto os cristãos faziam o mesmo. O Almirante não viu ouro em nenhum deles, mas diz que tinha um com um pedaço de prata lavrada pendurado no nariz, o que indica a existência de prata. Disseram, por sinais, que dentro de menos de três dias viriam muitos mercadores do interior para comprar as coisas trazidas pelos cristãos e dariam notícias do cacique dessa terra, que, segundo se pôde entender pelos sinais que faziam, distava quatro jornadas dali, pois tinham enviado vários emissários pela região toda a fim de anunciar a chegada do Almirante.

**Sexta, 2 de novembro.** - Resolveu o Almirante enviar dois espanhóis: o primeiro, chamado Rodrigo de Jerez, morava em Ayamonte, e o segundo, Luis de Torres, tinha morado com o Adiantado\* de Murcia, havia sido judeu e sabia, segundo diz, o hebraico, o caldeu e também um pouco de árabe; e junto com eles mandou dois índios, um dos que trazia consigo desde Guanahani e o outro proveniente daquelas casas dos povoados à beira-rio. Deu-lhes cartas de contas para comprar comida, se lhes faltasse, e seis dias de prazo para voltar. E amostras de especiarias para comparar com as que por acaso encontrassem. Ensinou-lhes a maneira de indagar pelo cacique local e como lhe tinham que falar da parte dos Reis de Castela, que enviavam o Almirante para entregar-lhe suas cartas e um presente, saber como estava passando, pedir sua amizade e favorecê-lo em tudo o que fosse preciso, etc.

\* Adiantado, antigo governador de província. (N. do T.)



**Sábado, 3 de novembro.** - De manhã, o Almirante entrou no barco e seguiu rio acima até encontrar água doce, o que ocorria à cerca de duas léguas de distância da foz, e subiu um pequeno morro para examinar melhor a terra, mas não pôde ver nada por causa dos grandes arvoredos. Diz que tudo o que viu era tão bonito que não se cansava de admirar tanta beleza somada ao canto das aves e dos passarinhos. Neste dia muitas pirogas, ou canoas, vieram até os navios oferecer tribalhos de algodão desfiado e redes de dormir, que são para pendurar.

**Domingo, 4 de novembro.** - Logo ao amanhecer o Almirante entrou no barco e foi à terra caçar as aves vistas na véspera. Depois de voltar, o contra-mestre da "Pinta" lhe disse que havia encontrado pés de canela. O Almirante imediatamente foi lá e achou que não eram. Mostrou canela e pimenta aos índios locais que lhe disseram, por meio de gestos, que perto dali havia muito daquilo, no lado sudeste. Mostrou-lhes ouro e pérolas e alguns velhos responderam que num lugar chamado "Bohio" tinha em grande quantidade, que usavam no pescoco, orilhas, bracos e pernas, além de pérolas. Entendeu mais: que diziam que havia naus grandes e mercadorias, e tudo isso no sudeste. Entendeu também que longe dali havia homens de um olho só e outros com cara de cachorro, que eram antropófagos e que, quando capturavam alguém, degolavam, bebendo-lhe o sangue e decepando as partes pendidas. O Almirante resolveu voltar à nau para aguardar o regresso dos dois emissários espanhóis e só então determinar-se a sair em busca daquelas terras, caso não lhe trouxessem boas notícias a respeito do que queria.

**Segunda, 5 de novembro.** - Ao amanhecer, mandou pôr a nau e os demais navios em prontidão; mas não todos simultaneamente, apenas que ficassem sempre dois no lugar onde estavam, por questão de segurança, embora ele insistia que essa tripulação é de toda a confiança.

E estando assim, veio o contra-mestre da "Niña" pedir alvissaras ao Almirante por haver encontrado aroeira, só que não trazia muda porque tinha perdido no caminho. Prometeu-a ao Almirante e enviou Rodrigo Sánchez e Mestre Diego até às árvores, e eles voltaram com algnumas, que o Almirante guardou para levar aos monarcas, junto com

um pedaço de tronco. Diz que encontrou muito daquela madeira que lhe pareceu ser aloés. E que um índio falou, por meio de gestos, que a aroeira é boa para dores de estômago.

**Terça, 6 de novembro.** - Ontem à noite, diz o Almirante, chegaram os dois espanhóis que tinha mandado para ver o interior da terra, e lhe contaram que depois de andar doze léguas chegaram a um povoado de cincoenta casas, onde havia mil vizinhos porque moram muitos debaixo do mesmo teto. E que tinham sido recebidos da maneira mais solene, segundo o costume local; queriam tocar neles e lhes beijavam as mãos e os pés, maravilhando-se e acreditando que vinham do céu. Mostraram canela, pimenta e outras especiarias que o Almirante lhes havia dado, e lhes disseram, através de gestos, que dava muito perto dali, no sudeste. Veio com eles um dos chefes do povoado, com um filho e um de seus homens. O Almirante falou com eles, tratou-os com muita consideração, e indicando as várias terras e ilhas que existiam por aqueles lados, pensou em levá-los aos monarcas, mas diz que não sabe o que passou pela cabeça do chefe; parece que teve medo, e já noite fechada, quis voltar para terra. E o Almirante diz que, como a nau havia ficado encalhada perto da praia, e não querendo contrariá-lo, deixou que se fosse, depois que prometeu que voltaria ao amanhecer; mas nunca mais voltou. Os dois emissários acharam aves de muitas espécies e diferentes das espanholas, a não ser perdizes e rouxinóis que cantavam, e gansos, que ali tem em grande número. A terra muito fértil e bem lavrada, com abricoteiros, feijões e favas em nada semelhantes aos nossos; esse mesmo painço e uma vasta quantidade de algodão colhido, desfiado e trabalhado, e que numa só casa tinham visto mais de quinhentas e tantas arrobas.

"Tenho certeza, sereníssimas Majestades — diz o Almirante —, que sabendo a língua e orientados com boa disposição por pessoas devotas e religiosas, logo todos se converteriam em cristãos; e assim confio em Nosso Senhor que Vossas Majestades se determinarão a isso com muita diligência para trazer para a Igreja tão grandes povos, e os converterão, assim como já destroçaram aqueles que se recusaram a professar a fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo."

São palavras do próprio Almirante, que tencionava partir na



quinta-feira; mas como sopraram ventos contrários, não pôde levantar âncora antes do dia doze de novembro.

**Segunda, 12 de novembro.** - Partiu do porto e rio de Martes ao render do quarto da aurora para dirigir-se a uma ilha que os índios que traz consigo insistem que se chama "Babeque"<sup>23</sup>, onde, segundo indicam por gestos, a população descobre ouro de noite na praia com o auxílio de candeias e depois, com martelo, parece que faz varas com ele. Toda a costa é habitada, principalmente perto do rio que encontrou, ao qual denominou de "Sol". Disse que ontem, 11 de novembro, lhe havia parecido aconselhável capturar algumas pessoas que moram nessas margens para levá-las à presença dos monarcas a fim de aprenderem a nossa língua, saber o que contém essa terra e, ao regressar, falarem língua de cristãos, tendo adorado nossos costumes e as coisas da fé.

"De maneira que ontem veio até à nau — diz o Almirante — uma piroga com seis jovens, que mandei prender e leveo comigo. Depois enviei um grupo a uma casa que fica do lado poente do rio, e me trouxeram sete mulheres, entre adolescentes e adultas, com três crianças. Fiz isso porque os homens se comportarão melhor na Espanha ao lado de suas contráneas. Por conseguinte, tendo-as consigo, mostrarão boa vontade para negociar o que se lhes pedir, e essas mulheres também poderão ensinar a língua deles aos espanhóis. Hoje de noite veio até à nau, numa piroga, o marido de uma dessas criaturas, pai de três filhos, um rapaz e duas moças, e pediu que o deixasse acompanhá-los, o que muito me agradou, pois agora ficam todos consolados, uma vez que são todos parentes e ele já é homem de quarenta e cinco anos, no mínimo."

Todas essas palavras do Almirante são textuais. Também diz que fazia um pouco de frio e por isso não seria aconselhável, no inverno, seguir para o norte com o intuito de descobrir. Navegou nesta segunda-feira, até o pôr do sol, dezoito léguas ao leste quarta de sudeste até chegar a um cabo, a que deu o nome de "Cabo de Cuba".

23. É a ilha chamada hoje de Grande Inagua. (N. do E.)

**Terça, 13 de novembro.** - Passou a noite inteira à capa, como dizem os marinheiros, que é ficar a barlavento e não navegar nada. Quando o dia clareou, soltou as velas para terra e alcançou uma ponta que de noite lhe pareceu distar duas léguas, e entrou num grande golfo. E como queria chegar à ilha que chamam de "Babeque", resolveu fazer-se ao mar e andar para o leste com o vento que era norte; e andou oito milhas por hora, e desde as dez do dia que tomou esse rumo, até o pôr do sol, percorreu cinqüenta e seis milhas.

**Quarta, 14 de novembro.** - Passou a noite inteira parado e a barlavento, porque ontem, terça-feira, os índios que iam junto lhe disseram que havia três dias desde o rio de Mares até a ilha de Babeque, o que se deve entender como tempo levado por suas pirogas, que podem andar sete léguas; e o vento também diminuiu, e por causa de outros percalços, teve que esperar que amanhecesse.

Ao raiar do dia resolveu ir procurar porto, porque o vento mudara para nordeste e, se não achasse refúgio, ser-lhe-ia necessário retroceder ao que tinha deixado na ilha de Cuba. Chegou em terra depois de percorrer, nessa noite, vinte e quatro milhas, quando viu várias fozes, ilhotas e portos, e como ventava muito e o mar estivesse agitado, não se atreveu a encostar; em vez disso, andou pela costa a noroeste quarta do oeste, olhando para ver se encontrava abrigo; e viu que havia muitos, mas pouco claros. Depois de ter feito sessenta e quatro milhas assim, achou uma foz bem funda, com largura de quarto de milha, com bom porto e rio, onde entrou, colocando a proa a sudoeste e depois a sul até chegar a sudeste, quando enxergou tantas ilhas que nem dava para contar todas; e diz que acredita que sejam aquela infinidade que nos mapas-múndi se situam nos confins do oriente. E disse que achava que continham vastas riquezas, pedras preciosas e especiarias. Chamou-as de "mar de Nuestra Señora", e ao porto situado na sua foz deu o nome de "Puerto del Príncipe". Fala tanto sobre tais coisas da fertilidade, beleza e excelência dessas ilhas, que diz para os soberanos não se surpreenderem de encarecê-las assim, pois lhes garante que julga que não exprime nem sequer a centésima parte.

**Quinta, 15 de novembro.** - Resolveu percorrer essas ilhas com os



barcos dos navios, e conta maravilhas a respeito delas: que encontro, aroeira e uma quantidade infinita de aloés, sendo que alguns pés tinham raízes lavradas, de onde os índios fazem pão<sup>24</sup>. Água doce não viu; habitantes tinha alguns, mas fugiram.

**Sexta, 16 de novembro.** - Como em tudo quanto é lugar, ilhas e terras por onde passa sempre deixa fincada uma cruz, entrou no barco e foi até à foz daqueles portos. E numa ponta de terra encontrou dois enormes pedaços de madeira, um maior do que o outro, e collocando-os um sobre o outro, fez uma cruz tão proporcional que diz que nenhum carpinteiro seria capaz de fazer semelhante. E, adorada essa cruz, mandou fazer da mesma madeira outra igual, ainda maior e mais alta.

Foi até a uma enseada no interior da foz do porto. Ali havia uma encosta de pedras e penhascos feito cabo, sendo que ao pé era muito fundo, e tinha um lugar ou recanto onde caberiam seis navios sem âncoras que nem numa sala. Pareceu-lhe que ali se poderia construir uma fortaleza que não custaria caro, se futuramente, nesse mar de ilhas, surgisse alguma mina de grande valor.

Volando à nave, encontrou os índios que levava consigo pescando caracóis imensos que tem naqueles mares, e fez a tripulação mergulhar para ver se achavam madrepérolas, que são as ostras onde se criam pérolas, e acharam várias, mas não pérolas, e atribuiu isso ao fato de ainda não ser tempo, o que, segundo ele acontecia por volta de maio e junho. Acharam um animal que parecia cágado ou tartaruga. Pescaram também com redes e encontraram um peixe, entre outros, que se assemelhava a um verdadeiro porco, não como a toninha, que diz que era todo concha bem dura e não tinha partes moles, a não ser o rabo e os olhos, e por baixo um buraco para expelir seus excessos. Mandou salgá-lo para levar e mostrar aos soberanos.

**Sábado, 17 de novembro.** - De manhã entrou no barco e foi ver as ilhas que ainda desconhecia no sudoeste. Viu várias, muito férteis e bonitas. Achou nozes grandes, iguais às da Índia, creio que foi o que

24. Pão de mandioca, comum aos índios do Caribe, que provavelmente migram da Amazônia brasileira até as ilhas. (N. do E.)

disse, e enormes ratões, também como os da Índia, e caranguejos imensos. Dos seis índios capturados no rio de Mares, hoje fugiram os dois mais velhos.

**Domingo, 18 de novembro.** - Saiu outra vez nos barcos com muita gente dos navios e foi colocar a grande cruz que havia mandado fazer com os pedaços de madeira na foz do dito porto do Príncipe, num lugar bem à vista, não coberto por árvores. E só não partiu por ser domingo.

**Segunda, 19 de novembro.** - Partiu antes do sol nascer e com calma; depois ventou um pouco ao leste e navegou a nor-nordeste. E se manteve a noite toda nessa direção; percorreu sessenta milhas e outras doze até às dez horas da manhã de terça-feira, o que equivale, ao todo, a dezoito léguas.

**Terça, 20 de novembro.** - Vendo que o vento não mudava e que o mar se encapelava, decidiu regressar ao porto do Príncipe, de onde tinha saído. Não quis ir à ilhota que chamou de Isabela por dois motivos. Primeiro, porque avistou duas ilhas ao sul; queria vê-las; segundo, para que os índios que levava, capturados em Guanahani, que chamou de San Salvador, não escapassem. Diz que precisa deles, para levá-los a Castela, etc. E que tinham entendido que, se achassem ouro, o Almirante havia de deixá-los voltar para suas terras. Chegou ao local do porto do Príncipe; mas não pôde encostar por já ser noite e porque as correntes desviaram-se para noroeste. Tornou a fazer a volta e colocou a proa a nordeste.

**Quarta, 21 de novembro.** - Ao nascer do sol navegou para leste com vento sul. Percorreu vinte e quatro milhas até à hora de vésperas. Depois o vento mudou para leste e percorreu ao sul quarta do sudeste. Aí o Almirante se encontrou a quarenta e dois graus da linha equinocial do lado norte.

Hoje Martín Alonso Pinzón afastou-se com a caravela "Pinta", sem licença nem determinação do Almirante, por cobiça, diz que pensando que um índio que o Almirante tinha mandado recolher a essa



caravela lhe havia de dar muito ouro, e assim se foi sem esperar, sem sequer a desculpa de mau tempo, apenas porque quis. E aqui diz o Almirante: "Já me fez e disse muitas outras."

**Quinta, 22 de novembro.** - Insistiu em ir para o sul para ver aquela terra que ficava por lá, e quando saiu se encontrou tão longe como na véspera, por causa das correntes contrárias, e a terra estava a quarenta milhas de distância.

Hoje à noite Martín Alonso tomou o rumo do leste para ir à ilha de Babeque, onde os índios dizem que há muito ouro, e o Almirante, mantendo o percurso, não o perdeu de vista.

**Sexta, 23 de novembro.** - O Almirante navegou todo o dia para a terra, sempre ao sul. Sobre esse cabo se sobrepe outra terra ou cabo, que também vai para leste, e que aqueles índios que levava chamavam de "Bohío". Diziam que era muito grande e que lá havia uma gente que tinha um olho na testa, e outros que chamavam de canibais, de quem demonstravam ter muito medo. O Almirante diz que acredita que há um pouco de verdade em tudo isso, mas que o mais provável é que tivessem capturado alguns e, como não voltassem, diziam que tinham sido comidos. O mesmo acreditavam dos cristãos e do Almirante, no início, logo que os viram.

**Sábado, 24 de novembro.** - Navegou a noite toda e por fim chegou ao mar de Nossa Senhora, onde havia várias ilhas, e entrou no porto que fica junto à sua foz, que está repleto de palmeiras e muito arvoredo.

**Domingo, 25 de novembro.** - Antes do sol nascer entrou no barco, e na foz do cabo do lado do sudeste viu que havia um grande arroio de água lindíssima que serpenteava pela montanha abaixo fazendo muito barulho. Foi até ao rio e viu nele umas pedras brilhando, com manchas douradas, e lembrou-se do rio Tejo, a cujas margens próximas ao mar encontrou-se ouro, e mandou recolher algumas para levar para os Reis.

Nesse instante alguns grunetes gritaram, dizendo que estavam

vendo pinheirais. Olhou para a serra e viu tantos, imensos e maravilhosos, que não seria capaz de calcular-lhes a altura e a retidão, feito fusos grossos e finos, que logo percebeu que daria para fazer navios e uma infinidade de tábuas e mastros para as maiores naus espanholas. Avisou na praia várias pedras cor de ferro, e outras que alguns diziam que eram de minas de prata, todas trazidas pelo rio. Ali pegou uma antena e mastro para a mezena da caravela "Niña".

**Segunda, 26 de novembro.** - Ao nascer do sol levantou âncora do porto de Santa Catalina e chegou tarde ao Cabo del Pico, porque o vento se acalmou, e, ao chegar, avistou outro cabo a sudeste quarta de leste, e de lá enxergou mais um, ao qual deu o nome de "Cabo de Campana". Toda aquela terra tem montanhas altíssimas, muito bonitas, com vales deslumbrantes. Ao longo dessa costa inteira não viu nenhum povoado do lado do mar. Calculou que a terra encontrada hoje fosse a ilha que os índios chamavam de "Bohío". Toda a gente que encontrou até hoje diz que sente o maior medo dos "caniba" ou "cama" que vivem nessa ilha de "Bohío". Não queriam falar, por receio de serem comidos, e não podia tirar-lhes o medo, pois diziam que só tinham um olho e cara de cachorro. O Almirante achava que era mentira, tendo impressão que deviam ser do domínio do Grande Cá, que os reduzia ao cativeiro.

**Terça, 27 de novembro.** - Ontem, à hora do pôr do sol, chegou perto de um cabo, que denominou "Campana". E viu logo, ao pé desse cabo, um porto maravilhoso e um grande rio, e, a um quarto de légua adiante, outro rio, e daí à meia légua mais um, e daí à outra meia légua mais outro, e à outra mais outro, e daí a um quarto mais outro, e daí a uma légua outro, também grande, do qual, até o cabo de Campana distavam vinte milhas, que ficam a sudeste. Desse lado do último rio encontrou um grande povoado, o maior visto até agora, e viu se aproximar uma vasta quantidade de pessoas da beira do mar, em altos brados, todas nuas, com lanças na mão. Quis falar com elas e arriu as velas; ancorou e enviou os barcos da nau e da caravela com ordens para que não se fizesse nenhum dano aos índios nem se aproveitassem deles, mandando que lhes dessem algumas coisinhas daque-



las permutas. Os índios indicaram, por gestos, que não pretendiam deixá-los saltar em terra e iriam resistir. E vendo que os barcos, sem se intimidar, se aproximavam cada vez mais da margem, afastaram-se do mar. E pensando que saindo apenas dois ou três homens dos barcos não lhes meteriam medo, foi o que fizeram dois cristãos, dizendo, na língua deles, que não tivessem receio, pois sabiam alguma coisa dela pelas conversas com os que trazem consigo. No fim, todos correram, fugindo. Os três cristãos foram até às casas, que são de palha e do feitiço das outras que já tinham visto, e não encontraram ninguém nem coisa alguma no interior delas. Regressaram aos navios e içaram velas ao meio-dia para ir a um cabo lindo que fica a leste. Tendo percorrido meia légua pela mesma baía, avistou o Almirante do lado do sul um porto interessantíssimo e, do lado do sudeste, umas planícies simplesmente maravilhosas, feito várzea montanhosa dentro dessa serra, de onde saíam grandes fumaças e povoados, com terras bem lavradas; e por isso decidiu desembarcar nesse porto. Foi uma coisa deslumbrante ver o arvoredo, o frescor das folhagens, a água cristalina, as aves e a amenidade do clima. Diz ele que lhe dava vontade de nunca mais sair dali. Ia falando aos homens que levava em sua companhia que, para descrever aos Reis as coisas que viam não bastariam mil línguas para referi-lo nem sua mão para escrever, pois parecia-lhe estar encantado.

Diz ainda mais o Almirante aqui, com estas palavras: "Eu não saberia exprimir de quanto será o benefício que se pode tirar daqui. O que é certo, senhores Soberanos, é que onde existem tais terras devem existir infínitas de coisas proveitosas. E asseguro a Vossas Majestades que não me parece que sob a luz do sol possa haver melhores em matéria de fertilidade, de temperança de frio e calor, de abundância de águas boas e sãs, ao contrário dos rios da Guiné, que são todos pestilentos, porque, louvado seja Nosso Senhor, até hoje em toda a minha tripulação não teve ninguém que passasse mal da cabeça ou ficasse de cama por doença. E digo que Vossas Majestades não devem consentir que aqui venha ou ponha pé nenhum estrangeiro, salvo católicos cristãos, pois esse foi o objetivo e a origem do propósito, que esta viagem servisse para engrandecer e glorificar a religião cristã, não se permitindo a vinda a estas paragens a ninguém que não seja bom cristão.

**Quarta, 28 de novembro.** - Hoje ficou-se neste porto porque choveu e fez muita cerração. Os tripulantes dos navios foram até à terra e alguns embrenharam-se um pouco no território para lavar a roupa. Encontraram grandes povoados, mas com as casas vazias, pois todos tinham fugido. Voltaram por outro rio abaixo.

**Quinta, 29 de novembro.** - Como estava chovendo e por isso o céu ficou fechado, não se partiu. Alguns cristãos chegaram a outro povoado perto do lado noroeste e nas casas não encontraram nada nem ninguém. E no caminho se depararam com um velho que não lhes pôde fugir; capturaram-no e disseram-lhe que não queriam fazer-lhe mal e deram-lhe algumas coisinhas de presente e depois deixaram que fosse embora.

Numa das casas acharam um pão de mel, que vou levar aos Soberanos, pois onde há mel também deve haver mil outras coisas boas.

**Sexta, 30 de novembro.** - Não se pôde partir porque o vento era Levante, bem contrário à sua rota. Enviou oito homens bem armados, junto com dois índios dos que levava, para verem aqueles povoados no interior. Chegaram a muitas casas e não acharam nada nem ninguém, pois todos tinham fugido. Viram quatro índios que estavam lavrando suas plantações, e que, quando enxergaram os cristãos, saíram correndo e não puderam alcançá-los. Perto de um ribeirão viram uma piroga, ou canoa, de noventa e cinco palmos de extensão, feita de um só bloco de madeira, muito bonita; nela caberiam e navegariam cento e cinquenta pessoas.

**Sábado, 1º de dezembro.** - Não se partiu, pelo mesmo motivo do vento contrário e porque chovia muito. Colocou uma grande cruz na entrada desse porto, que acho que chamou de "Puerto Santo", em cima de escarpas íngremes.

**Domingo, 2 de dezembro.** - O vento ainda continuou contrário e não pôde partir. Diz que um grumete achou na foz desse rio certas pe-



dras que parecem conter ouro; levou-as para mostrar aos reis. Diz que existe por lá, a tiro de bombardarda, \* grandes rios.

**Segunda, 3 de dezembro.** - Como continuava fazendo mau tempo, não partia desse porto, e então resolveu ir ver um cabo muito bonito que ficava a um quarto de légua dali. Foi com os barcos e alguns tripulantes armados. Rumou para o sudeste e achou uma angra, onde viu cinco pirogas muito grandes, que os índios chamam de canoas, e notou que o sopé do morro estava todo lavrado. Caminharam sob árvores frondosas. Subiu ao alto de uma montanha e encontrou-a toda plantada e semeada de tantas coisas da terra e cabacas que era uma glória contemplar; e no meio havia um grande povoado. Apareceram de repente para os habitantes do lugar, que, quando os viram, homens e mulheres fugiram correndo. O índio que o acompanhava, um dos que levava consigo, procurou tranquilizá-los, dizendo que não precisaram ter medo, que eram gente boa. O Almirante mandou que lhes dessem guizos, anéis de latão e miçangas verdes e amarelas, e eles se mostraram satisfeitos, visto que não tinham ouro nem qualquer pedra preciosa e que bastava deixá-los em paz e que toda a região estava povoada e os demais haviam fugido de medo (e o Almirante assegurou aos Reis que dez homens são suficientes para afugentar dez mil), e depois resolveu voltar. Regressando ao lugar em que haviam ficado os barcos, enviou alguns cristãos ao morro por onde subiram, porque lhe parecia ter visto um grande colmeal. Antes que chegassem os emissários, reuniram-se vários índios e vieram até aos barcos onde o Almirante já se tinha recolhido com toda a tripulação; um deles se adiantou ao adentro, encostando-se à popa do barco e começou a falar uma porção de coisas que o Almirante não entendeu. Pensou que estivessem contentes com sua vinda. Viu, porém, que o índio que trazia consigo mudou de expressão e ficou pálido feito cera, tremendo muito, dizendo por meio de gestos que o Almirante devia ir para longe daquele rio, que queriam matá-los e, aproximando-se de um cristão que estava com uma balestra armada na mão, mostrou-a aos índios, e o Almirante entendeu então que estava lhes dizendo que ia matar todos eles,

\* Bombarda, antiga máquina de guerra. (N. do T.)

porque aquela balestra atirava longe e sempre acertava. Pegou também uma espada e sacou-a da bainha, mostrando-a e também dizendo a mesma coisa; ao ouvir isso, saíram fugindo, ficando, porém, ainda tremendo, o dito índio, de pura covardia e falta de coração.

**Terça, 4 de dezembro.** - Fez-se à vela com pouco vento e saiu desse porto, que denominou "Puerto Santo", passando por vários rios.

**Quarta, 5 de dezembro.** - Navegou a noite inteira, à capa, em torno do Cabo Lindo, onde anoiteceu, para ver a terra que ia a leste. Pretendia ir à ilha de Babeque, mas não pôde, porque o vento que sopra era nordeste. Indo nessa direção, olhou para sudeste e avistou terra. Era uma ilha muito grande, da qual diz que já estava informado pelos índios, que a denominavam de "Bohío", e era habitada. Diz que os que vivem em Cuba ou Juana e todas as outras ilhas têm muito medo dessa gente, pois parece que são antropófagos. Depois fez dez milhas por hora; e até o pôr do sol ainda andaria oitenta e oito. E como já estava escurecendo, determinou que a caravela "Niña", por ser mais rápida, se adiantasse para examinar o porto ainda de dia, e ela, chegando à foz, que era do tamanho da baía de Cadiz, e como não dava para ver mais nada, enviou o seu barco com lume de candeia para sondar a margem; e antes que o Almirante chegasse onde a caravela ficara a barlavento, à espera dos sinais que o barco lhe faria, o lume que haviam levado se apagou. Não o avistando mais, a caravela aproveitou o vento favorável e, apressando-se, levou outro ao Almirante que, ao chegar à "Niña", ficou sabendo o que tinha acontecido. Enquanto isso, acenderam novo lume no barco; a caravela aproximou-se, mas o Almirante não conseguiu e passou a noite inteira a barlavento.

**Quinta, 6 de dezembro.** - Quando amanheceu, achou-se a quatro léguas do porto; deu-lhe o nome de "Puerto María", e viu um bonito cabo ao sul, ao qual denominou "Cabo de la Estrella". Restava-lhe outro cabo bellissimo e bem-feito, que recebeu o nome de "Cabo del Elefante", ao leste. E outro ainda a les-sudeste, que denominou de "Cabo de Cinquín". Pareceu-lhe que entre o Cabo do Elefante e o de Cinquín havia uma foz imensa, e alguns marinheiros disseram que era



separação de ilha; e lhe pôs o nome de "Ilha da Tartaruga"<sup>25</sup>. Na hora de vêperas, entrou no referido porto e denominou-o de "Puerto de San Nicolás", porque era dia do santo, e logo à entrada maravilhou-se com sua beleza e excelência. Havia em frente uma várzea bonita e (diz) na região deve ter grandes povoados, segundo se percebia pelas pirogas que usam. Todos os índios que ainda não tinham fugido, fugiram ao avistar os navios. De modo que, para querer falar com os habitantes desse porto lhe seria necessário passar alguns dias ali, o que não fez por ter ainda muitas terras para visitar e por não acreditar que o tempo fosse suficiente.

**Sexta, 7 de dezembro.** - Ao falar um quarto para o amanhecer, soltou velas e saiu do porto de San Nicolás. Toda essa terra era muito alta e não de árvores grandes, mas de azinheiras e medronheiros, igual, diz, à terra de Castela. Mais adiante encontrou um abrigo bem amplo e fundo, e resolveu entrar nele, batizando-o de "Puerto de la Concepción", e desembarcou em terra por um rio de pouca extensão. Levou redes para pescar e antes que chegasse à margem saltou para dentro do barco uma liça, igual às da Espanha. Até então não tinham visto peixe parecido com os de Castela. Os marinheiros pescaram e mataram os- tras, linguados e outros peixes como os de lá. Caminhou um pouco pela terra, que é toda lavrada, e ouviu cantar o rouxinol e outros pas- sarinhos como os de Castela.

Viram cerca de cinco homens, mas que não quiseram esperar por eles e saíram fugindo.

Encontrou murta e outras árvores e ervas iguais às de Castela, as- sim como são a terra e as montanhas.

**Sábado, 8 de dezembro.** - Aqui neste porto choveu muito, com vento norte muito forte. Depois da meia-noite, o vento mudou para nordeste e depois para leste, mas este porto é bem abrigado desses ven- tos pela ilha da Tartaruga, que lhe faz fronteira numa extensão de trin- ta e seis milhas.

**Domingo, 9 de dezembro.** - Hoje choveu e fez o mesmo tempo

25. Parte do arquipélago hoje chamado Ilhas Associação. (N. do E.)

de inverno que faz em Castela por volta de outubro. A ilha é grande e muito bem lavrada. O Almirante acha que os povoados devem ser lon- ge do mar, de onde vêem a chegada das caravelas, e por isso todos fu- giam espavoridos, levando consigo tudo o que tinham e fazendo sinais de fumaça como gente em guerra. Em frente ao porto há várzeas, das mais lindas do mundo e quase semelhantes às terras de Castela; aliás, estas levam vantagem, e por isso denominou-se de "Ilha Espanhola"<sup>26</sup>.

**Segunda, 10 de dezembro.** - Ventou muito do nordeste e fez ar- rastar as âncoras a meio cabo. E como o vento era contrário para ir aonde pretendia, enviou seis homens fortemente armados em terra para ver se podiam falar com alguém. Foram e voltaram sem ter acha- do casas nem gente; em compensação encontraram umas cabanas e tri- lhas bem largas e lugares onde haviam feito muito fogo; viram as me- lhores terras do mundo e depararam com muitos pés de arceira, só quais trouxeram mudas, dizendo que havia em grande quantidade, só que agora não é tempo de colher, porque não pega.

**Terça, 11 de dezembro.** - Não partiu por causa do vento, que ainda era leste e nordeste. Cada dia (diz o Almirante) entendemos mais esses índios e eles a nós. Pescaram muitos peixes como os de Cas- tela, carpas, salmões, merluzas, dourados, salpas, lissas, corvinas, cama- rões, e viram sardinhas; encontraram muito alóé.

**Quarta, 12 de dezembro.** - Não partiu hoje, pelo mesmo motivo já indicado do vento contrário. Pôs uma grande cruz na entrada do porto do lado oeste, numa saliência bem à vista, "em sinal (diz) de que Vossas Majestades têm a terra como sua, e principalmente como sinal de Jesus Cristo Nosso Senhor e em honra da Cristandade." Uma vez colocada, três marinheiros embrenharam-se pelo morro para ver as ár- vores e as ervas, e ouviram ruídos causados por uma multidão de gen- te, a quem chamaram e foram atrás, mas os índios preferiam fugir. E finalmente capturaram uma mulher, muito jovem e bonita, e a trou- xeram para a nau, onde falou com aqueles índios, porque todos ti- nham a mesma língua. O Almirante deu-lhe roupas, miçangas guizos,

26. Hoje, Santo Domingo. (N. do E.)



e anéis de latão, e tornou a devolvê-la à terra, com toda a dignidade, como é seu costume; enviou junto alguns tripulantes da nau e três dos índios que levava consigo, para que falassem com aquela gente. Os marinheiros que iam no barco, quando a conduziam de volta, contaram para o Almirante que ela não queria mais sair da nau e sim ficar com as outras índias. Trazia um pedacinho de ouro no nariz, sinal de que havia ouro na ilha.

**Quinta, 13 de dezembro.** - Os três homens que o Almirante tinha mandado acompanhar a mulher voltaram às três da madrugada sem ter ido com ela até ao povoado, ou porque lhes pareceu longe ou então tiveram medo. O Almirante decidiu mandá-los de novo, confiado nas notícias que a índia teria levado, dizendo que os cristãos eram gente boa. Para isso escolheu nove homens bem armados e aptos para semelhante tarefa, com os quais foi um dos índios que trazia. Encontraram o povoado vazio; era de mil casas e mais de mil habitantes. O índio que os cristãos levavam correu atrás deles, aos brados, pedindo que não tivessem medo, que os cristãos não eram caralbas, antes, pelo contrário, vinham do céu, e que davam muitas coisas bonitas a todos os que encontravam. Tanto os convenceu do que dizia que se tranquilizaram e vieram em mais de dois mil, e todos se aproximavam dos cristãos e lhes punham a mão na cabeça, sinal de grande reverência e amizade. Disseram os cristãos que, depois que perderam o medo, iam todos às suas casas e cada um lhes trazia do que tinha para comer, que é pão de inhame, que são umas raízes que parecem rabanetes grandes e que nascem, e que eles semeiam, e brotam e plantam em todas as suas terras, e é do que vivem, e com elas fazem pão, cozinham, assam, e têm o mesmo gosto das castanhas.

Viram aproximar-se uma verdadeira multidão, chefiada pelo marido da mulher que o Almirante tinha respeitado e devolvido, que traziam a cavaleiro sobre os ombros; queriam agradecer aos cristãos pela honra que o Almirante lhes havia feito e pelos presentes que tinha dado.

**Sexta, 14 de dezembro.** - Saiu desse porto de la Concepción com vento terral. Depois o vento passou para levante e com ele chegou à

ilha da Tartaruga: viu nela uma ponta que denominou "Punta Pierna" e lá descobriu outra, a que deu o nome de "Punta Lanzada". Esta ilha da Tartaruga é terra bem alta, mas não montanhosa, muito bonita e com grande número de habitantes. Visto que o vento era contrário e não podia ir à ilha de Baneque (ou Babequé), resolveu voltar ao porto de la Concepción.

**Sábado, 15 de dezembro.** - Saiu do porto de la Concepción outra vez no rumo pretendido, mas, na hora da partida, ventou leste forte contrário, e mudou de rota até chegar à Tartaruga. Entrou com os barcos por um grande rio, e viu algumas casas e a várzea grande onde estavam os povoados, e disse que nunca tinha visto coisa mais linda. E mais, que essa gente deve ser muito perseguida, pois vive morta de medo. Denominou a várzea de "Valle del Paraiso" e o rio de "Guadalquivir", porque diz que aqui é tão largo como o Guadalquivir quando passa por Córdoba.

**Domingo, 16 de dezembro.** - À meia-noite, com a brisa terrestre, soltou velas para sair desse golfo, e a meio caminho dele achou uma canoa ocupada por um só índio. O Almirante maravilhou-se da sua habilidade em mantê-la sobre a superfície da água com um vento tão forte. Fez entrar na nau tanto ele como a canoa, e encantado, deu-lhe miçangas, guizos e argolas de latão, levando-o junto para a terra. Lá, foi na frente para dar notícias do Almirante e dos cristãos, por serem boa gente, e logo vieram mais de quinhentos homens, e não demorou muito surgiu o rei. E um por um, e também em grandes grupos, vinham até à nau sem trazer nada junto, embora alguns usassem alguns bagos de ouro finíssimo nas orelhas e no nariz, que se estavam a dar de boa-vontade. Viu também que o rei, que estava na praia, era por todos tratado com respeito. O Almirante enviou-lhe um presente, que diz que recebeu com muito agrado e que seria moçoço de no máximo, vinte e um anos, e que tinha um velho preceptor e outros conselheiros que o aconselhavam e lhe respondiam, e que ele falava pouco. Deram-lhe de comer coisas de Castela e ele comia um pedaço e depois dava o resto aos conselheiros.

"Creiam Vossas Majestades — diz o Almirante — que estas terras



são tão boas e férteis, sobretudo as desta ilha Espanhola, que não há ninguém capaz de exprimir em palavras e que só pode acreditar quem já viu. E estes índios são dóceis e bons para receber ordens e fazê-los trabalhar, semear e tudo o mais que for preciso, e para construir povoados, e aprender a andar vestidos e a seguir nossos costumes.”

**Segunda, 17 de dezembro.** - Ventou muito forte esta noite. Por isso passou todo o dia aqui. Mandou que os marinheiros pescassem com redes; os índios se alegraram muito com os cristãos e lhes trouxeram algumas flechas das usadas pelos canibais ou canibais, feitas de tallos de cana de açúcar. Dois homens mostraram que lhes faltavam alguns pedaços de carne no corpo e deram a entender que os canibais os tinham comido a dentadas; o Almirante não acreditou.

Viram num índio, que o Almirante tomou por governador daquela província, e a quem chamavam de “cacique”, um pedaço de ouro do tamanho de uma mão; e ele fazia partir em pedaços aquela peça, e trazendo cada vez um pedacinho, vendia. Disseram ao Almirante que na Tartaruga havia mais ouro que na ilha Espanhola, porque fica mais perto de Baneque. O Almirante retrucou que não acreditava que na ilha Espanhola nem na da Tartaruga existissem minas de ouro e sim que eles traziam de Baneque, e em pequenas quantidades, por não terem nada para dar em troca.

**Terca, 18 de dezembro.** - Passou o dia de hoje ancorado na praia porque não tinha vento e também porque o cacique havia dito que ia trazer ouro. Logo ao amanhecer mandou enfeitar a nau e a caravela com armas e bandeiras por ser festa de Santa Maria de la O, ou comemoração da Anunciação. Deram muitos tiros de bombardeia. Hoje, estando o Almirante comendo embaixo do castelo, o rei dessa ilha chegou à nau acompanhado de toda a sua gente. <sup>27</sup>

E diz o Almirante aos Soberanos: “Sem dúvida Vossas Majestades sentiriam prazer em ver o agrado e respeito que todos lhes demonstram, pois andam nus. Ele, assim que entrou na nau, veio sentar-se a meu lado e não quis dar passagem para que eu saísse ou me

<sup>27</sup> Logicamente não havia “reis” em Espanhola, que era governada por cinco caciques: Guatignu, Guatignex, Guanaoconel, Guacanagari. (N. do E.)

levantasse da mesa, a não ser para comer. E das comidas que lhe pus na frente, pegava a mesma quantidade que se pega para encher uma bandeja, e depois jogava o resto para os seus acompanhantes, e todos comiam. No final da refeição, um escudeiro trazia um cinto de pedaços de ouro lavrado. Notei que tinha gostado de uma arandela que havia sobre a minha cama; eu lhe dei, com umas miçangas de âmbar muito boas que usava no pescoço, uns sapatos vermelhos e uma jarra de água de cidreira, que o deixou tão contente que dava gosto ver; e ele, o preceptor e os conselheiros ficaram muito pesarosos porque não entendiam o que eu dizia e nem eu a eles.”

Quando já era tarde e ele manifestou desejo de ir embora, o Almirante lhe cedeu um barco com todas as honrarias e mandou dis- parar muitos tiros de bombardeia. Uma vez posto em terra, subiu em seus andores e se foi com seus mais de duzentos homens.

Neste dia se trocou diz que pouco ouro; mas o Almirante ficou sabendo, por intermédio de um velho, que havia uma porção de linhas circunvizinhas, a cem léguas ou mais, segundo pôde entender, nas quais nasce muito ouro, e em outras, até dizer-lhe que tinha ilha que era puro ouro, e ainda noutras, que têm em tal quantidade, que o recolhem e o passam por uma espécie de peneira e depois fundem, fazem barras e mil labores. Esse velho indicou ao Almirante a rota e o lugar onde estava; o Almirante resolveu ir até lá, e disse que, se não fosse o tal velho pessoa tão importante naquele reino, o prenderia para levá-lo consigo. Mas que, por já ter tantas pessoas para trazer aos Reis de Castela e porque não convinha causar-lhes agravo, resolveu deixá-lo.

**Quarta, 19 de dezembro.** - Hoje à noite fez-se à vela para sair deste golfo que forma ali a ilha da Tartaruga com a Espanhola, e sendo de dia voltou o vento levante, com o qual todo este dia não pôde sair do meio daquelas duas ilhas. Viu por lá uma ilha pequena, que denominou de “São Tomás”, por ser amanhã véspera de sua festa. Antes da ilha tem um cabo que se adentra muito no mar alto e baixo e por isso lhe deu o nome de “Cabo Alto y Bajo”. A sessenta milhas dali tem



uma montanha mais alta que outra que entra no mar; lhe pôs o nome de "Monte Caribata", porque essa provincia se chama Caribata.

**Quinta, 20 de dezembro.** - Hoje, ao pôr do sol, entrou num porto entre a ilha de Sfo Tomás e o cabo de Caribata, e ancorou. Existem ali montanhas altíssimas que parecem encostar no céu, e bellíssimas, cobertas por árvores verdes; não resta dúvida que são mais altas do que a ilha de Tenerife, nas Canárias, que é considerada das mais altas que se pode encontrar. E viu também vários povoados e as fumaças que faziam.

**Sexta, 21 de dezembro.** - Hoje foi com os barcos dos navios visitar esse porto; e se impressionou tanto com o que viu que affirmar que nenhum se lhe compara, entre todos os que encontrou até hoje. Mandou que dois homens desembarcassem e fossem até a uma elevação para verificar se existia algum povoado. Voltaram e disseram onde haviam visto um, muito grande. O Almirante determinou que se remesse até lá e avisou uns índios que vinham até à beira do mar, e pareciam estar com medo; por isso mandou parar os barcos e pediu aos índios que levava na Caravela que falassem com eles, dizendo que ninguém lhes queria fazer mal. Então aproximaram-se mais do mar, e o Almirante mais da terra; e depois que perderam o medo por completo, vieram em tal quantidade que cobriam a terra, rendendo mil graças, tanto homens como mulheres e crianças; corriam de um lado para outro, a nos trazer pão feito de inhame, água em cabacas e em cântaros de barro de feitiço igual aos de Castela, e nos davam de tudo o que tinham e sabiam que o Almirante queria, e com um coração tão grande e tão feliz que era uma maravilha.

Em toda a região há montanhas altíssimas, todas verdes, e no meio delas existem várzeas muito bonitas, e ao pé do porto, ao cabo, existe uma, tão grande, que a vista não consegue enxergar até o cabo. De modo que esse porto é ótimo para todos os ventos que possam soprar, fechado, fundo e todo habitado por gente muito boa, mansa e sem armas, boas ou más. Do lado noroeste há três ilhas e um grande rio; é o melhor do mundo; pus-lhe o nome de "Puerto de la Mar de

Santo Tomás", porque hoje era seu dia: e disse que é mar por causa da amplidão.

**Sábado, 22 de dezembro.** - Ao amanhecer, soltou as velas para seguir sua rota em busca das ilhas que os índios diziam que continham muito ouro e de outras, com mais ouro que terra; o tempo não permitiu e viu-se forçado a ancorar de novo, e enviou o barco para pescar com a rede. O cacique cheia de gente, um vassalo importante, para dar na canoa grande fosse com os navios até à sua terra, prometendo dar que o Almirante visse. Hoje, antes de partir, enviou seis homens a lhe tudo o que tivesse. Hoje, o cacique veio ontem até ao Almirante povoado bem grande, porque o cacique veio ontem até ao Almirante e disse-lhe que tinha alguns pedaços de ouro. Quando os cristãos chegaram lá, o cacique pegou a mão do escrivo, enviado especialmente pelo Almirante para impedir que se fizessem coisas indevidas com os índios, que são tão francos, ao contrário dos espanhóis, tão gananciosos e desmedidos, que não se satisfazem com o fato de conseguirem, em troca de uma simples agulha ou um pedaço de vidro, tigela e outras coisas insignificantes, tudo o que quiserem; o pior é quando, sem dar nada aos índios, ainda querem pegar e ficar com tudo, o que o Almirante sempre proíbe. De modo que o cacique pegou a mão do escrivo e o levou até à sua casa em companhia de toda a população, que era muito numerosa, e pediu que comessem, enquanto os índios lhes traziam muitas coisas feitas de algodão e em novelo desfiado. Quando já era tarde, presenteou-os com três gansas bem gordas e uns pedacinhos de ouro e os trouxeram de volta com grande acompanhamento. O Almirante mandou dar-lhe algumas coisas e ele e toda a população ficaram extremamente contentes, acreditando de fato que tinham vindo do céu; e, só de ver os cristãos, consideravam-se bem-aventurados.

**Domingo, 23 de dezembro.** - Por causa da falta de vento, não pôde partir com os navios para a terra desse cacique que o havia mandado convidar; porém enviou, junto com os três emissários que ali esperavam, os barcos com a tripulação e o escrivo. Enquanto isso, enviou dois dos índios que levava consigo aos povoados que têm por ali

28. Era o cacique Guacanagari. (N. do E.)



perto da paragem dos navios, e ambos voltaram para a nau com outro cacique, trazendo notícias de que nessa ilha Espanhola havia outro em tal quantidade. a ponto de nela virem comprar de outros lugares. Diz que acha que na mesma hora chegaram à caravela mais de mil pessoas, todas com alguma coisa que possuíam; e que antes de encostar no navio, a uma distância de meio tiro de balestra, põem-se em pé nas canoas e, mostrando o que trazem, dizem: "Peguem, peguem." Acha também que mais de quinhentas vieram a nado por falta de canoas; e a nau estava ancorada à cerca de uma légua da terra.

De noite os barcos voltaram, dizendo que tinham estado num lugar muito longe dali e que no monte de Caribata haviam encontrado várias canoas cheias de gente que vinha ver o Almirante e os cristãos, e que morava no lugar para onde eles iam. E então todos regressaram com os cristãos para o povoado, que diz que afirmavam ser o maior e mais bem organizado em matéria de ruas que os anteriores descobertos até aqui. Finalmente o cacique surgiu no meio deles e se reuniram na praça, que estava muito bem varrida, como toda a aldeia, e havia mais de dois mil homens. Esse rei prestou muitas homenagens à tripulação dos navios e deu a cada um uns tecidos de algodão que as mulheres locais usam à guisa de roupa e, para o Almirante, pagagais e pedações de ouro. Já de tarde, quando quiseram despedir-se, o rei implorou que esperassem até ao dia seguinte; no que foi imitado pelo povo. Mas visto estarem os cristãos decididos, os acompanharam em grande parte do trajeto, trazendo nas costas, até aos barcos, o que o cacique e os outros lhes tinham dado.

**Segunda, 24 de dezembro.** - Antes de sair do sol, levantou âncora com o vento terral. Entre os diversos índios que ontem haviam vindo à nau, notou um que parecia mais disposto e amigo ou que com mais alegria lhe falava, e adjuvou-o, pedindo-lhe que fosse embora com ele para mostrar-lhe as minas de ouro. Esse trouxe outro companheiro ou parente consigo, e os dois, entre os demais lugares que indicavam onde se colhia ouro, mencionaram Cipango, a que chamam de "Civao", afirmando que lá existe em grande quantidade.

**Terça, 25 de dezembro, dia de Natal.** - Navegando ontem com

de São Tomás até Punta Santa, da qual se pouco vento a partir do mar de distância, esperando que passasse o primeiro manteve a uma légua de distância, esperando que passasse o primeiro quarto, que seria às onze horas da noite, resolveu dormir, pois fazia dois dias e uma noite que ficava o tempo todo em claro. Como reinasse calmária, o marinheiro que pilotava a nau resolveu ir se deitar, enquanto o leme a um grumete, coisa que o Almirante sempre tinha proibido.<sup>29</sup> Quis Nosso Senhor que à meia-noite, tendo eles visto o mar nítido se recolher para descansar e a calmária sendo absoluta e o mar mais parecendo um espelho, todos se deitaram para dormir, ficando o leme nas mãos daquele rapaz, e as águas que corriam levaram a nau por cima de um dos bancos de areia.<sup>30</sup> O grumete, que sentiu pelo leme e pelo barulho do mar, começou a gritar, sendo acudido pelo Almirante, que agiu tão depressa que ninguém teve tempo de perceber que estavam encalhados. Logo o mestre a quem fora confiada a guarda durante, que agiu tão depressa que ninguém teve tempo de perceber que estavam encalhados. Logo o mestre a quem fora confiada a guarda durante, que agiu tão depressa que ninguém teve tempo de perceber que estavam encalhados. Logo o mestre a quem fora confiada a guarda durante, que agiu tão depressa que ninguém teve tempo de perceber que estavam encalhados. Logo o mestre a quem fora confiada a guarda durante, que agiu tão depressa que ninguém teve tempo de perceber que estavam encalhados. Logo o mestre a quem fora confiada a guarda durante, que agiu tão depressa que ninguém teve tempo de perceber que estavam encalhados.

29. Era o mestre Juan de la Cosa, dono da *Santa Maria*. (N. do E.)

30. O encalhe deu-se na ilha Espanhola, no local hoje conhecido por baía do Caracol. (N. do E.)



teiro da Casa Real, para comunicar ao cacique que o tinha mandado convidar e pedir que fosse sábado com os navios até o seu porto, cuja aldeia distava cerca de uma légua e meia do referido banco; o qual, quando soube, dizem que chorou e enviou toda a população da aldeia com muitas canoas bem grandes para descarregar tudo o que ainda estivesse na nau. E assim se fez, descarregando-se o que ficara nos tombadilhos em brevíssimo espaço de tempo, tamanho foi o auxílio e a diligência prestados pelo cacique. E ele mesmo, em pessoa, acompanhado de irmãos e parentes, se encarregou de cuidar da nau e do que era levado para a terra, a fim de que tudo ficasse em segurança. De vez em quando mandava um parente consolar o Almirante, que chorava, dizendo que não se sentisse triste nem aborrecido, que lhe daria de tudo o que tivesse. E também mandou pôr homens armados ao redor da carga, para que velassem a noite inteira.

**Quarta, 26 de dezembro.** - Hoje, ao nascer do sol, o cacique veio à caravela "Niña", onde se encontrava o Almirante, e lhe disse quase chorando que não ficasse triste, que lhe daria o que tinha. Enquanto o Almirante falava com ele, surgiu outra canoa de outro lugar, trazendo alguns pedaços de ouro, que queriam trocar por um guizo, que era o que mais cobijavam. A canoa ainda nem estava a bordo quando chamaram e mostraram os pedaços de ouro, dizendo: "chuque, chuque", imitando os guizos, que estão a ponto de enlouquecer por causa deles. Depois de ter visto isso, e indo embora as canoas que vieram de outros lugares, chamaram o Almirante e lhe imploraram que guardasse um guizo até o dia seguinte, porque lhe trariam quatro pedaços de ouro, cada um do tamanho de uma mão. Ao ouvir isso, o Almirante alegrou-se, e depois um marinheiro que voltou da costa lhe disse que era uma maravilha a quantidade de peças de ouro que os cristãos que estavam em terra trocavam por minhas.

Quando acabaram de comer, o cacique acompanhou até à praia o Almirante, que mandou buscar um arco turco e um punhado de flechas, e pediu que um homem de seu séquito a trouxesse com ele; e o cacique, que não sabe manejar armas, porque não conhece nem usa, se mostrou assombrado; embora diga que no início falaram a respeito dos habitantes de Caniba, que chamam de "caribes", que vêm capturar

los, com arcos e flechas sem ferro, que todas essas terras não se lembram de ter visto, nem de aço ou de qualquer outro metal, a não ser sobre, embora de cobre o Almirante disse-lhe que os Reis de Castela mandam de gestos, o Almirante disse-lhe que os Reis de Castela mandam meio de gestos, os caribes e que dariam ordens para serem presos, deriam aniquillar os caribes e uma bombardarda e uma espingarda, e vendo riam atadas. Fez disparar uma bombardarda e ficou maravilhoso causado pelo estrondo e pelo que penetravam, ficou maravilhado. E quando a população ouviu os tiros, caiu toda no chão. Trouxeram para o Almirante uma grande máscara com bons pedaços de ourinhos para o Almirante e outras partes, que ele juntou às outras joias de ouro que o cacique lhe havia posto na cabeça e no pescoço; e também deu muitas aos demais cristãos que o acompanhavam. O Almirante encontrou muito prazer e consolo nas coisas que estava vendo e sentiu diminuir a angústia e o pesar que tinha com a perda da nau, percebendo que Nosso Senhor a havia feito encalhar ali a fim de que pudesse conhecer esse lugar.

"E para isso — diz o Almirante, — sobrevieram tantas coisas ao mesmo tempo, que aquilo não foi propriamente um desastre, mas uma grande sorte. Porque não há dúvida que, se não encalhasse, teria vindo ao largo sem ancorar neste lugar, que está metido aqui dentro de uma grande baía, com duas ou três restingas de baixios. Nem esta viagem deixaria gente aqui, mesmo que eu quisesse, nem lhes poderia deixar tão bom auxílio, com tantos apetrechos, mantimentos e utensílios de defesa. E é bem verdade que grande parte da tripulação que ficou comigo me havia pedido e implorado para dar-lhes permissão de ficar aqui. Agora determinei que se construísse uma torre e fortaleza,<sup>31</sup> tudo muito bem-feito, e uma grande vala, não por acreditar que essa gente precise disso, mas há motivo para se levantar essa torre e se fique como se há de ficar, estando tão longe de Vossas Majestades."

**Quinta, 27 de dezembro.** - Ao nascer do sol, o cacique veio à caravela e disse ao Almirante que tinha mandado buscar mais ouro e que queria cobri-lo todo com ele antes que se fosse embora, e até pedia que ficasse; e comeram em companhia do Almirante o cacique, um

31. Trata-se do Forte Navidad, que meses mais tarde seria inteiramente destruído pelos índios, que mataram os 39 colonos deixados por Colombo. (N. do E.)



irmão seu e outro parente muito íntimo, sendo que esses dois últimos disseram que queriam ir junto com ele para Castela.

**Sexta, 28 de dezembro.** - Para dar ordens e pressa de acabar de fazer a fortaleza e à tripulação que iria ocupá-la, o Almirante de barco em terra e pareceu-lhe que o cacique o tinha visto desembarcar, apressando-se a entrar disfarçadamente em casa e enviando um irmão para receber o Almirante e levá-lo a uma das habitações que havia reservado aos marinheiros, a maior e melhor da aldeia. No interior tinham montado um estrado recoberto de palmeiras, onde o fizeram sentar. Depois o irmão enviou um escudeiro avisar ao cacique que o Almirante já estava ali, como se o cacique não soubesse de sua vinda, embora o Almirante achasse que essa dissimulação servia para prestar-lhe muito mais honrarias. Mal o escudeiro avisou, diz que o cacique veio correndo aonde estava o Almirante para lhe pôr no pescoço uma grande placa de ouro que trazia na mão. Ficou ali com ele até tarde, deliberando sobre o que tinham que fazer.

**Sábado, 29 de dezembro.** - Quando raiou o dia, apareceu na caravela um sobrinho bem jovem do cacique, de muito bom entendimento e bons bofes (como diz o Almirante), e lhe disse que a quatro jornadas daqui há uma ilha ao leste chamada "Guarinox", além de outras, chamadas "Mocorix", "Mayonic", "Fuma", "Cibao" e "Carcay", onde existe fartura de ouro. O Almirante anotou os nomes, e quando o cacique soube, por um irmão, que o sobrinho lhe tinha contado isso, brigou com ele, segundo pôde entender o Almirante. E também entendeu que o rei se empenhava para que continuasse a ignorar onde nascia e era colhido o ouro, para que não fosse buscá-lo.

**Domingo, 30 de dezembro.** - O Almirante saiu para comer em terra e chegou a tempo de assistir a chegada de cinco caciques subordnados ao local, que se chamava Guacanagari, todos com seus penachos. Ao descer em terra, o cacique veio receber o Almirante e levou-o de braço para a mesma casa de ontem, onde tinha um estrado e cadeiras para o Almirante sentar; e logo tirou o cocar da cabeça e colocou-o na do Almirante, que arrancou do pescoço um colar de boas cornalilhas

nas e miçangas muito bonitas, de cores lindíssimas, e pôs no pescoço dele, e se desfez de um fino manto escarlate que havia vestido neste dia, e colocou nos ombros do chefe, e aí mandou buscar umas botinas de cor que mandou que calçasse, enfiando-lhe no dedo um grande anel de prata. Ficou todo alegre, e contentíssimo, e dois daqueles caciques que estavam com ele vieram até ao Almirante e lhe entregaram duas grandes placas de ouro que traziam consigo.

**Segunda, 31 de dezembro.** - Hoje se ocupou em mandar buscar água e lenha para a partida para a Espanha, para logo pedir aos Reis que enviassem navios que descobrissem o que faltava; pois como que ficado com um só navio, não lhe parecia razoável expor-se aos perigos que lhe poderiam sobrevir durante a descoberta. E queixou-se, dizendo que todo aquele mal e inconveniente se devia a ter-se afastado da caravela "Pinta".

**Terça, 1.º de janeiro de 1493.** - À meia-noite despachou um barco para que fosse à ilhota Amiga buscar rubarbo, de que lhe haviam falado, que lança uns raminhos para fora da terra e uns frutos que parecem amoras verdes quase secas, e dentro da terra cria uma alforneca que nem uma grande pera. Regressou à hora de vésperas com um alforje cheio: levou-o para mostrar aos soberanos. A canoa do marinheiro que tinha ido à procura da "Pinta" voltou sem ter encontrado nada. O marinheiro contou que a vinte léguas dali tinha visto um chefe que usava na cabeça duas grandes placas de ouro e que mal os índios que iam na canoa falaram com ele, tirou-as, e que também viu muito ouro em outras pessoas. O Almirante achou que o cacique Guacanagari de certo tinha proibido a venda de ouro aos cristãos para que tudo passasse por suas mãos.

**Quarta, 2 de janeiro.** - Saiu de manhã para a terra a fim de se despedir do cacique Guacanagari e partir em nome do Senhor. Deu-lhe de presente uma túnica sua e mostrou-lhe a força e o efeito que causavam as bombardas. Provocou também uma escaramuça entre a tripulação armada dos navios, pedindo ao cacique para que não tivesse medo dos caribes, mesmo que viessem. Diz o Almirante que fez tudo isso



para que sentisse amizade pelos cristãos que deixava e para lhe inflamar o medo e temor. E levou-o para comer, junto com os outros que o acompanhavam, na casa onde estava instalado. E da tripulação que ficaria ali, recomendou-o muito a Diego de Arana, Pedro Gutierrez e Rodrigo Escovedo, que seriam seus representantes. Tomou o barco com a intenção de partir imediatamente, mas o vento não permitiu. Nessa ilha Espanhola, que os índios dizem que se chama "Botantes, Diego de Arana, natural de Córdoba, Pedro Gutierrez, incun-drigo de Escovedo, natural de Segóvia, sobrinho de frei Rodrigo Pérez, com todos os poderes que os Soberanos lhe tinham delegado. Deixou-lhes todas as mercadorias que os Reis mandaram comprar para as tropas, e que eram muitas, para que as negociassem por ouro, com tudo o que trazia a nau. Deixou-lhes também pão de biscoito para um ano, vinho e muita munição, e o barco da nau para que eles, na maioria marinheiros, fossem, quando vissem que lhes convinha, descobrir as minas de ouro, e um lugar onde se fundasse uma aldeia, porque aquilo ali não era porto de seu agrado. Deixou-lhes também sementes para plantar, e seus oficiais, escrivão e meirinho, e um carpinteiro de naus e calafate, e um bom bombardeiro, que entende bem de máquinas, e um tanoeiro, um físico e um alfaiate, e diz que todos são bons conhecedores do mar.

**Quinta, 3 de janeiro.** - Não partiu hoje porque diz que ontem à noite vieram índios das ilhas querendo ir junto, avisando que outros chegariam com suas mulheres ao raiar do dia. O mar também estava meio agitado e o barco não pôde ficar na margem; decidiu partir amanhã, com a graça de Deus. Disse que, se tivesse consigo a caravela "Pinta", com certeza levaria um tonel\* de ouro, porque então ousaria seguir pelas costas dessas ilhas, o que não se arriscava a fazer sozinho, para que não lhe sucedesse alguma inconveniência que impedisse sua volta a Castela e o relatório que devia entregar aos Soberanos sobre todas as coisas que tinha descoberto. E se fosse verdade que a caravela

\*Tonel, antiga medida de capacidade, maior que a tonelada. (N. do T.)

se poderia arrumar tudo.

**Sexta, 4 de janeiro.** - Ao raiar do dia, levantou âncora com pouco vento e o barco à proa. Navegou assim a leste, rumo a um morro bem alto que dava impressão de ser ilha, mas não era, porque tem uma parte de terra muito baixa, em forma de bellissimo pavilhão de campanha, que denominou de "Monte Cristi". Neste dia, por causa da escassez de vento, não conseguiu fazer seis léguas e chegou ao Monte Cristi. Deu a volta ao mar para afastar-se dos vários baixios e restingas que tem por lá, onde ficou a noite inteira. O Almirante avisa a quem quiser ir até à Aldeia de la Navidad, ou conhecer Monte Cristi, para se manter no mar a uma distância de duas léguas.

**Sábado, 5 de janeiro.** - Quando o sol já queria sair, soltou velas com o terral. Depois de Monte Cristi, ao leste, viu um cabo a vinte e quatro milhas, que chamou de "Cabo del Becerro". Depois avistou, a leste, uma terra que parecia outro morro, regulando com o Cristi em tamanho e beleza. E dali, à quarta do leste a nordeste, não se diria tão alta, e distaria mais ou menos cem milhas.

**Domingo, 6 de janeiro.** - Depois do meio-dia ventou forte do leste. Mandou um marinheiro subir no alto do mastro para olhar os baixios, e viu aproximar-se a caravela "Pinta" com a popa a leste, e chegou até ao Almirante; e como não tinha onde ancorar nas águas rasas, voltou a Monte Cristi, retrocedendo as dez léguas que percorrera, e a "Pinta" com ele. Veio Martín Alonso Pinzón à caravela "Niña", onde viajava o Almirante, para se desculpar, dizendo que tinha se afastado dele sem sua determinação, oferecendo razões para isso; mas o Almirante afirma que eram todas falsas, e que havia desaparecido naquela



noite em que se afastara dele com muita presunção e cobiça, e que não sabia (diz o Almirante) de onde lhe tinham vindo as arrogâncias e a desonestidade que usara com ele nessa viagem, as quais o Almirante e a deus impedir essa viagem como até então fizera, mas que um índio, dos que o Almirante lhe havia encomendado, lhe informara que numa ilha chamada "Baneque" existia muito ouro, e como tinha o navio leve e veloz, quis se afastar e ir sozinho, abandonando o Almirante. Depois que Martín Alonso foi até à ilha Baneque, diz que não encontrou ouro nenhum, e que se veio até à costa da Espanha foi por informação de outros índios, que lhe afirmaram que nessa ilha, que chamam de "Bohío", existia grande quantidade de ouro e muitas minas, e por esse motivo chegou muito perto da Aldeia de la Navidad.

**Segunda, 7 de janeiro.** - Hoje fez tirar a água que estava dentro da caravela e os marinheiros foram buscar lenha e diz que encontraram muitas arceiras e aloés.

**Terça, 8 de janeiro.** - Por causa do vento leste e sudeste, que soava hoje muito forte, não partiu e por isso mandou que se guardasse a caravela de água e lenha e de tudo o que fosse necessário para essa ilha Espanhola, percorrendo a rota que pudesse. Convém, porém, saber que os comandantes que colocou nas caravelas eram irmãos, Martín Alonso Pinzón e Vicente Yáñez. E muitos outros que o seguiam com arrogância e cobiça, julgando que tudo lhes pertencia, sem levar em conta a honra que o Almirante lhes havia feito e dado, não haviam obedecido e não obedeciam as suas ordens; pelo contrário, faziam e diziam muitas coisas que não deviam contra ele, sendo que Martín Alonso desapareceu desde o dia 21 de novembro até 6 de janeiro sem nenhuma causa ou motivo, apenas por desobediência. E tudo isso o Almirante havia sofrido em silêncio para levar a viagem a bom termo. Assim que, para se afastar de tão má companhia, com quem diz que cumpria disfarçar, embora fosse gente desagrada (e afirmar que leva consigo muitos homens de bem, mas que não era hora de tratar de castigo), resolveu voltar e não parar mais, com a maior presunção

que lhe fosse possível. Entrou no barco e foi até ao rio, que fica ali ao lado, para o sul-sudoeste do Monte Cristi uma grande légua, e aí os marinheiros iam buscar água para o navio, e descobriu que a água da foz do rio era diz que toda cheia de ouro e em tal quantidade de que a gente se maravilhava. Deu ao rio o nome de "Río del Oro". Diz mais o Almirante: que não quis pegar a dita areia que continha tanto ouro, pois Suas Majestades já tinham tudo em casa e às portas de sua Aldeia de la Navidad, e sim apressar-se a levar-lhes as notícias e livrar-se da má companhia que tinha e que, como sempre havia dito, era gente desagrada.

**Quarta, 9 de janeiro.** - À meia-noite levantou as velas com o vento sudeste e navegou para o les-nordeste; chegou a uma ponta que chamou de "Punta Roja". E a seu abrigo ancorou à tarde, que seriam umas três horas antes do anoitecer. Nessa terra toda há muitas tartarugas, que os marinheiros capturaram em Monte Cristi, quando vinham desovar em terra, e eram enormes, feito grandes escudos de madeira. Ontem, quando o Almirante ia ao Río del Oro, diz que viu três reis que saltaram bem alto, acima do mar, mas não eram tão bonitas como pintam, e que, de certo modo, tinham cara de homem.

**Quinta, 10 de janeiro.** - Saiu de onde havia ancorado, e ao pôr do sol chegou a um rio, que denominou de "Río de Gracia". No seu interior é bom porto fechado, só que com muita neblina, e dali tinha partido a caravela "Pinta", comandada por Martín Alonso, muito maltratada, porque diz que passou aí dezesseis dias, quando trocaram muito ouro, que era o que Martín Alonso queria. O qual, depois que soube pelos índios que o Almirante estava na costa da mesma ilha Espanhola e que não podia errar de direção, veio ao seu encontro. E diz que queria que toda a tripulação do navio jurasse que não haviam ficado ali mais que seis dias. Mas diz que a sua maldade era tão notória que não dava para disfarçar.

**Sexta, 11 de janeiro.** - À meia-noite saiu do Río de Gracia com o terral; navegou quatro léguas a leste, até chegar a um cabo que chamou de "Belprado"; e de lá a sudeste está o morro que denominou



"del Plata". Logo avistou o cabo que cognominou "del Angel". Cabo dista quatro léguas de uma ponta que chamou "del Hierro". Essa mesma rota, a quatro léguas, existe outra que recebeu o nome de "Punta Seca"; e dali, pela mesma rota, a seis léguas mais além, fica o cabo que chamou de "Redondo"; e de lá, para o leste, se encontra o cabo "Francés". A uma légua dali fica o "Cabo del Buen Tiempo"; e desse, ao sul quarta do sudeste, há um cabo que chamou de "Talhado". Hoje fez um grande percurso, porque o vento e as correntes lhe foram favoráveis.

**Sábado, 12 de janeiro.** - Faltando um quarto para amanhecer, navegou ao leste e andou assim até o raiar do dia. Dali avistou terra ao sul e dirigiu-se para lá; viu um cabo que chamou de "do Pai e do Filho", porque na ponta do lado leste tem dois promontórios, um maior do que o outro. Proseguiu em sua rota até deparar com o cabo bem alto e muito bonito, todo talhado de pedra, ao qual deu o nome de "Apaxonado", o qual se situava a leste de um porto muito amplo, que denominou de "Sagrado", e logo descobriu outro, bellissimo.

**Domingo, 13 de janeiro.** - Não conseguiu sair desse porto por falta de terra que lhe permitisse sair. Enviou o barco à terra, numa bonita praia, para que buscassem alhos para comer, e encontraram alguns homens com arcos e flechas, com os quais se pararam a conversar, e lhes compraram dois arcos e várias flechas, pedindo a um deles que fosse falar com o Almirante na caravela; e ele veio, e diz que era bem disforme de semblante, mais que os outros até agora vistos. Tinha o rosto todo tisanado de carvão, ao passo que em todos os lugares costumam pintar-se de várias cores. Usava os cabelos bem compridos, apertados e amarrados na nuca, e depois presos por uma redinha de penas de papagaio, e andava nu como os demais. O Almirante achou que deviam ser um dos caribes, que são antropófagos.<sup>32</sup> Mandou dar-lhe comida e o presenteou com pedaços de pano verde e vermelhos e miçangas, de que gostam muito, e tornou a enviá-lo à terra, pedindo-lhe que trouxesse ouro, se houvesse, no que acreditava, a julgar por

32. Não eram canibais, como julgou Colombo. Tratava-se de índios Ciguaios, que habitam as serras da Ilha Espanhola. (N. do E.)

algumas coisas que usava. Ao chegar o barco à terra, cerca de cinqüenta e cinco homens nus estavam atrás das árvores, com os cabelos bem compridos, tal como as mulheres usam em Castela. Presos à nuca traziam penachos de penas de papagaio e de outros pássaros e cada um empunhava o seu arco. O índio mal-encarado desembarcou e fez com que os outros largassem arcos e flechas, e um pedaço de pau que parecia um (...)<sup>33</sup>, bem pesado, que utilizam no lugar da espada. Depois ce um (...)<sup>33</sup>, bem pesado, que utilizam no lugar da espada. Depois aproximaram-se do barco e a tripulação saltou em terra e começou a comprar-lhes os arcos, as flechas e as outras armas, tal como o Almirante tinha recomendado. Vendidos dois arcos, não quiseram trocar mais nada; em vez disso, se prepararam para investir contra os cristãos e prendê-los. Foram correndo pegar seus arcos e flechas onde os tinham guardados e voltaram com cordas nas mãos para, segundo parece, amarrar os cristãos. Vendo que vinham em sua direção, estando já os cristãos prevenidos, porque o Almirante sempre alertava sobre esse risco, investiram contra eles, desfechando uma grande punhalada nas nádegas de um índio, e abrindo no peito de outro uma espécie de flechada, quando os agressores que tinham poucas possibilidades de sair vencedores, embora os cristãos fossem apenas sete e eles cinqüenta e tantos, saíram fugindo até não restar mais nenhum, deixando as flechas e os arcos caídos por tudo quanto é lado.<sup>34</sup> Diz que os cristãos teriam matado uma porção, se o piloto que os chefiava não impedisse. Regressaram logo à caravela com seu barco e, informado o Almirante do ocorrido, disse que por um lado lhe causava dó e por outro não, pois é bom que sintam medo dos cristãos, porque sem dúvida (diz ele) consta que o povo desse lugar é malfeitor. E acreditava que fossem do Caribe e antropófagos, de modo que, se aparecesse por ali o barco que deixou com os trinta e nove homens na fortaleza e Aldeia de la Navidad, ficassem com medo de lhes fazer mal.

**Segunda, 14 de janeiro.** - Esta noite queria enviar emissários para

33. Em branco, no original. (N. do E.)

34. Esse foi o primeiro confronto entre brancos e índios na América. Um ano mais tarde, ocorreria o massacre dos 39 colonos que Colombo deixara no Forte Navidad. Em 1552, segundo frei Bartolomé de Las Casas — cujo relato foi publicado pela L & PM, na série "Visão dos Vencidos" — praticamente toda a população indígena de Espanhola já havia sido exterminada pelos espanhóis. (N. do E.)







que, se for assim, estas Índias estão muito próximas das Canárias, e por esse motivo acredita que não distem mais de quatrocentas léguas.

**Quarta, 16 de janeiro.** - Partiu três horas antes de amanhecer do Golfo que denominou "das Flechas", primeiro com vento teral, depois com vento oeste, levando a proa ao leste quarta do nordeste, de ir diz que à ilha de Caribe, onde se encontra a população de quem todas essas ilhas e terra tanto medo demonstram, pois consta que com todas essas canoas percorrem todos estes mares, comendo os homens que conseguem capturar. A rota diz que lhe havia sido mostrada por uns índios, daqueles quatro que pegou ontem no Porto das Flechas. Depois de ter percorrido, a seu ver, setenta e quatro milhas, os índios indicaram que a ilha ficava a sudeste: quis seguir por esse caminho e mandou temperar as velas; e, depois de ter percorrido duas léguas, o vento refrescou, ficando muito bom para ir para a Espanha. Notou que a tripulação começou a entristecer por desviar-se do caminho em linha reta, por causa da quantidade de água que entrava em ambas as ravelas, e por não terem nenhum remédio, a não ser o da Providência Divina. Teve que deixar a rota que achava que conduzia à ilha e voltou ao rumo em linha reta para a Espanha, e assim andou até o pôr do sol quarenta e oito milhas, o que vem a dar doze léguas. Os índios lhe disseram que por essa via acharia a ilha de Martinino, e o Almirante bem que gostaria para levar diz que cinco ou seis dessas mulheres aos Reis; mas duvidava que os índios conhecessem direito a rota, e não podia demorar-se, pelo perigo da água que entrava nas caravelas; mas diz que era certo que existiam, e que a determinada altura do ano apareciam por ali homens da ilha de Caribe, e assim, se elas pariam filhos, mandavam para a ilha dos homens, e se fossem meninas, deixavam para se criarem por lá mesmo.

Depois de perder de vista o cabo que chamou de "São Téramo", na ilha Espanhola, percorreu doze léguas a oeste quarta do nordeste. Fazia então muito bom tempo.

**Quinta, 17 de janeiro.** - Ontem, ao pôr do sol, o vento diminuiu bastante; deve ter andado quatorze ampulhetas, cada uma tendo meia hora ou pouco menos, até ao render do primeiro quarto; e deve ter

percorrido quatro milhas por hora, o que equivale a vinte e oito. Depois de ter percorrido oitenta e quatro milhas ao todo, o vento aumentou e andou assim todo aquele quarto, que deu dez ampulhetas; e depois mais seis, até o nascer do sol, a oito milhas por hora; assim deve ter percorrido oitenta e quatro milhas, o que vem a hora; equivale a vinte e uma léguas a nordeste quarta de leste, e depois que equívale a leste. Aí apareceu um alcatraz na caravela e depois pôr do sol percorria mais de quarenta e quatro milhas, o que vem a dar onze léguas a leste. Aí apareceu um alcatraz na caravela e depois outro, e viu muitas algas, do tipo que surge no mar.

**Sexta, 18 de janeiro.** - Navegou com pouco vento esta noite, acontecendo o mesmo depois do nascer do dia. Apareceram algas esparsas na superfície do mar; diz, porém, que ontem e hoje as águas estiveram apinhadas do Duque de Conil e de Cádiz. Por uma vez iam parar nas almadrabas do Duque de Conil e de Cádiz, e depois que se chama *rabisforçada*, que andava em volta da caravela e deu a ver que se chama *rabisforçada*, que andava em volta da caravela e depois desapareceu rumo ao sudeste, o Almirante achou que havia ilhas por lá. E a les-oeste da ilha Espanhola disse que ficavam as ilhas de Caribe e de Martinino, além de muitas outras mais.

**Sábado, 19 de janeiro.** - Hoje de noite percorreu cinquenta e seis milhas ao norte quarta do nordeste e sessenta e quatro ao nordeste quarta do norte. Depois que o sol raiou, navegou a nordeste, devendo ter percorrido oitenta e quatro milhas. Viu o mar coalhado de pequenos atuns; houve pelicanos, rabos de palha e alcatrazes.

**Domingo, 20 de janeiro.** - O vento se acalmou esta noite, de vez em quando soprava ainda de leve, permitindo que percorresse ao todo vinte milhas a nordeste. Viu uma infinidade de pequenos atuns; diz que o ar é muito doce e suave, como em Sevilha por volta de abril ou maio, e o mar, segundo ele, sempre bem liso, graças a Deus. Alcatrazes, pinharroxos e muitas outras aves apareceram.

**Segunda, 21 de janeiro.** - Ontem, já com o sol posto, deve ter feito oito milhas por hora até à meia-noite, o que daria cinquenta e seis milhas. Depois andou a nor-nordeste a oito milhas por hora, completando assim, em toda a noite, cento e quatro milhas. Ao amanhecer,



navegou a nor-nordeste, com o mesmo vento leste, e andou oito milhas em onze horas que tinha o dia, o que equivale a vinte e uma léguas, descobrindo uma que perdeu porque encostou na vinte e vela "Pinta" para falar com o comandante. Achou o ar mais fino e pensou, segundo diz, que vai tomar-se cada vez mais fino à medida que se aproximarem do norte, e também por serem as noites mais longas de verão do estreitamento da esfera. Apareceram vários rabos de palha de pintarroxos e outras aves; mas não tantos peixes, diz que por ser a água mais fria. Viu uma porção de algas.

**Terça, 22 de janeiro.** - Ontem, já com o sol posto, navegou a nor-nordeste com vento leste, impellido de sudeste; fez oito milhas por hora até se passaram cinco ampulhetas, e três antes que se iniciassem a guarda, o que equivale a oito ampulhetas. De modo que iniciaram setenta e duas milhas, o que vem a dar dezoito léguas. Depois andou à quarta do nordeste a norte seis ampulhetas, o que daria outras dezoito milhas. E quatro ampulhetas da segunda guarda a nordeste, seis milhas por hora, o que equivale a três léguas a nordeste. E, até o raiar do dia, a lé-nordeste onze ampulhetas, seis milhas por hora. Depois a lé-nordeste, até às onze horas da manhã, trinta e duas milhas. E assim diminuiu o vento e não navegou mais. Os índios nadaram. Viram rabos de palha e muitas algas.

**Quarta, 23 de janeiro.** - Esta noite houve muitas mudanças nos ventos; considerando tudo e levando em conta as precauções que os bons marinheiros costumam e devem tomar, diz que percorreu durante a noite oitenta e quatro milhas, o que vem a dar vinte e uma léguas. Muitas vezes tinham que esperar pela caravela "Pinta", que andava mal de bolina, recorria pouco à mezena, porque o mastro não preitava; e diz que, se o seu comandante, Martín Alonso Pinzón, tivesse tido o cuidado de se munir de um bom mastro nas Índias, onde havia tantos de tudo quanto era espécie, com a mesma cobiça com que se afastara dele, pensando em abarrotar de ouro o navio, estaria em melhor situação.

Surgiram vários rabos de palha e muitas algas; o céu esteve completamente nublado todos estes dias; mas não havia chovido e o mar

mantinha-se sempre bem liso, feito um rio, graças a Deus. Depois que o sol saiu, percorreu, sem impedimento, a nordeste boa parte do dia, trinta milhas, o que vem a dar sete léguas e meia, e depois o resto andou a lé-nordeste outras trinta, o que equivale a sete léguas e meia.

**Quinta, 24 de janeiro.** - Navegou esta noite toda, considerando as diversas mudanças de vento a nordeste, quarenta e quatro milhas, o que equivale a onze léguas. Do raiar do dia até o pôr do sol, percorreu quatorze léguas e lé-nordeste.

**Sexta, 25 de janeiro.** - Navegou hoje, a lé-nordeste, uma parte da noite, que representou outras seis milhas. Depois, andou a nor-nordeste o dia todo, porque diminuiu o vento, andou vinte e oito milhas a lé-nordeste. Os marinheiros mataram uma toninha e um enorme tubarão, e diz que foi mesmo preciso, porque as únicas coisas que ainda tinham para se alimentar eram pão e vinho e alhos das Índias.

**Sábado, 26 de janeiro.** - Hoje à noite andou cinqüenta e seis milhas a leste. Depois que amanheceu, navegou às vezes a lé-ocente e às vezes a sudeste; percorreu quarenta milhas até às onze horas da manhã. Depois andou à relinga vinte e quatro milhas a norte.

**Domingo, 27 de janeiro.** - Ontem, depois do pôr do sol, fez cinco milhas por hora e, em treze horas, andou sessenta e cinco. Depois que amanheceu, percorreu vinte e quatro milhas a nordeste e daí até o pôr do sol andou três léguas a lé-nordeste.

**Segunda, 28 de janeiro.** - Navegou a noite inteira a lé-nordeste e percorreu trinta e seis milhas. Depois de raiar o dia, andou até à hora do pôr do sol vinte milhas a lé-nordeste. Achou o clima temperado e brando. Viu rabos de palha, pintarroxos e algas em profusão.

**Terça, 29 de janeiro.** - Navegou a lé-nordeste e percorreu à noi-



te, com o sul e sudeste, trinta e nove léguas. Os ares muito temperados, como em abril em Castela; o mar muito liso; peixes que chamam de "dourados" vieram a bordo.

**Quarta, 30 de janeiro.** - Durante a noite toda percorreu sete léguas a lés-nordeste. De dia navegou treze léguas e meia ao sul. Viram rabos de palha, muitas algas e toninhas.

**Quinta, 31 de janeiro.** - Hoje de noite navegou trinta milhas ao norte e depois trinta e cinco ao nordeste. Ao amanhecer, percorreu treze léguas e meia ao lés-nordeste. Viram rabos de palha e pintaroxos.

**Sexta, 1<sup>o</sup> de fevereiro.** - Esta noite percorreu dezesseis léguas e meia ao lés-nordeste. De dia andou vinte e nove léguas e um quarto na mesma direção; o mar estava bem liso, graças a Deus.

**Sábado, 2 de fevereiro.** - Andou quarenta milhas ao lés-nordeste nesta noite. De dia, com o mesmo vento pela popa, fez sete milhas por hora; de maneira que, em onze horas, andou setenta e sete milhas por mar continuou bem liso, graças a Deus, e os ares muito suaves. Viram as águas tão atulhadas de algas que, se não tivessem visto, temeriam que fossem baixos. Avistaram pintaroxos.

**Domingo, 3 de fevereiro.** - Nesta noite, indo a popa com o mar bem liso, graças a Deus, navegaram vinte e nove léguas. Apareceu-lhe a estrela do Norte, muito alta, como no Cabo de São Vicente. Não pôde calcular a altura com o astrolábio nem com o quadrante, porque a onda não permitia. De dia se manteve na rota, ao lés-nordeste, e fez dez milhas por hora, e assim, em onze horas, andou umas vinte e sete léguas.

**Segunda, 4 de fevereiro.** - Esta noite navegou ao leste quarta do nordeste; uma parte fez doze milhas por hora e outra dez, e assim percorreu cento e trinta milhas, o que vem a dar trinta e duas léguas e meia. O céu esteve muito nublado e chuvoso e fez bastante frio, e por isso diz que percebeu que não tinha chegado à ilha dos Açores. Com o

sol já alto, mudou de rumo e dirigiu-se para o leste. Andou, durante o dia inteiro, setenta e sete milhas, o que equivale a dezenove léguas e um quarto.

**Terça, 5 de fevereiro.** - Esta noite navegou ao leste; andou ao todo cinquenta e quatro milhas. Durante o dia fez dez milhas por hora, e assim, em onze horas, completou cento e dez milhas. Viram pintaroxos e gravetos, sinal de que estavam perto de terra.

**Quarta, 6 de fevereiro.** - Navegou ao leste durante a noite; fez onze milhas por hora. Em treze horas noturnas percorreu cento e quarenta e três milhas. De dia fez quatorze milhas por hora e assim, ao todo, navegou cento e cinquenta e quatro milhas; de maneira que foram, entre dia e noite, setenta e quatro léguas, mais ou menos. Vicente Yáñez disse hoje de manhã que a ilha das Flores ficava ao norte e a da Madeira a leste. Roldán opinou que a ilha do Faial ou a de São Gregório estava ao nor-nordeste e o Porto Santo a leste. Apareceu uma porção de algas.

**Quinta, 7 de fevereiro.** - Navegou esta noite a leste; fez dez milhas por hora e assim, em treze horas, percorreu cento e trinta milhas. De dia, oito milhas por hora; em onze horas, oitenta e oito milhas. Hoje de manhã o Almirante estava a sessenta e cinco léguas de distância ao sul da ilha das Flores, e o piloto Pedro Alonso, indo para o norte, passava entre a Terceira e a de Santa Maria, e a leste passava a barlavento da ilha da Madeira, a doze léguas do lado norte. Os marinheiros viram um tipo de alga diferente da anterior, da qual existe muito na ilha dos Açores. Depois apareceu outra vez da anterior.

**Sexta, 8 de fevereiro.** - Esta noite fez, durante certo tempo, três milhas por hora rumo a leste, e depois andou à quarta de sudeste; percorreu a noite inteira doze léguas ao todo. Ao amanhecer, andou vinte e sete milhas até o meio-dia; depois, até o pôr do sol, outras tantas.

**Sábado, 9 de fevereiro.** - Uma parte desta noite andou três léguas ao sul-sudeste; depois ao sul quarta do sudeste; depois ao nordeste



te, andou nove léguas ao leste.

**Domingo, 10 de fevereiro.** - Depois do pôr do sol navegou <sup>semlho</sup> <sup>à noz.</sup> trinta milhas ao leste a noite inteira; de dia, até escurecer, fez nove milhas por hora, e assim percorreu, em onze horas, cerca de <sup>noze</sup> nove milhas.

Na caravela do Almirante, Vicente Yáñez e os pilotos Sancho Ruiz, Pedro Alonso Niño e Roldán marcavam a posição nos mapas e todos, segundo suas cartas geográficas se localizavam muito adiante à ilha de Santa Maria, a última do arquipélago dos Açores. Pelo contrário, estariam cinco léguas à frente, ou se encontrariam na região da ilha da Madeira ou no Porto Santo. Mas o Almirante tinha-se desviado muito do rumo, achando-se bem mais atrás do que eles, porque a noite a ilha das Flores lhe ficava ao norte, e a leste ia à procura de Castela. De forma que estavam cento e cinqüenta léguas mais perto de Castela do que o Almirante. Diz que, com a graça de Deus, assim que avistaram terra se saberá quem tem razão. Diz aqui também que antes havia percorrido duzentas e sessenta e três léguas, a partir da ilha do Fero, antes de aparecerem as primeiras algas, etc.

**Segunda, 11 de fevereiro.** - Durante a noite fez doze milhas por hora, mantendo-se na rota, e assim, ao todo, contou trinta e nove léguas e, durante o dia, navegou dezesseis léguas e meia. Viu muitas aves, deduzindo daí estar próximo à terra.

**Terça, 12 de fevereiro.** - Navegou a leste a seis milhas por hora a noite inteira e percorreu, até o amanhecer, setenta e três milhas. Aqui o mar começou a se agitar muito e a se formar um temporal, e se a caravela, segundo ele, não fosse muito boa e bem aparelhada, teria medo de se perder. De dia andou onze ou doze léguas, a caro custo e perigo.

**Quarta, 13 de fevereiro.** - Depois do pôr do sol até clarear o dia,

teve grande trabalho com o vento, o mar mui revolto e o temporal; relampejou três vezes a nor-nordeste; disse que era sinal de grande tempestade que teria que vir daquele lado ou do seu contrário. Andou a mastro pelado durante a maior parte da noite; depois soltou um diminuto mastro e percorreu cinqüenta e duas milhas. De dia o vento diminuiu bastante; mas logo aumentou de novo e o mar ficou terrível e se entrecruzavam as ondas que atormentam os navios. Percorreu cinqüenta e cinco milhas.

**Quinta, 14 de fevereiro.** - À noite o vento aumentou e as ondas eram espantosas, umas de encontro às outras, que se entrecruzavam e dificultavam o avanço do navio, que não podia seguir adiante nem sair do meio delas, para que ao menos conseguisse fugir; andou assim três horas e percorreu vinte milhas. O mar e o vento se intensificavam; e vendo o perigo grande, começou a navegar à popa, para onde o vento o levasse, pois não havia alternativa. A caravela "Pinta", onde viajava, Martin Alonso, começou então também a navegar, e desapareceu, em hora o Almirante tivesse passado a noite inteira a colocar lampiões, sem que o outro respondesse; até que parece que não pôde mais por causa da força do temporal e porque essa caravela se achava muito fora da rota do Almirante.<sup>36</sup>

Andou esta noite cinqüenta e quatro milhas ao nordeste, quarta de leste. Com o raiar do dia o vento aumentou e o entrecruzar das ondas ficou mais terrível ainda; o papafigo ia sozinho e baixo para que o navio saísse do ponto em que se entrecruzavam, para que não o afundassem. Andava no rumo do lé-nordeste e depois à quarta para o nordeste; navegou seis horas assim e fez nelas sete léguas e meia. O Almirante determinou que se sorteasse um romeiro para ir à Santa Maria de Guadalupe levando um círio de cinco libras de cera e que todos fizessem um voto para que o contemplado cumprisse a promessa; para isso mandou trazer uma quantidade de grãos-de-bico igual ao número de pessoas que viajava no navio, fez com a faca uma cruz num deles, e depois todos misturou dentro de um boné. O primeiro a enfiar a mão foi o próprio Almirante, a quem coube o grão-de-bico mar-

36. A tormenta levou a nau de Martín Alonso até o porto de Bayona, na Galícia. (N. do E.)



cado, recaíndo-lhe assim o compromisso de ir, como romeiro, cumprir a promessa.

Tirou-se outra vez a sorte para escolher um romeiro, cum-  
à Santa Maria de Loreto, situada na marina de Ancona, terra do Papa, e que é casa onde Nossa Senhora fez e faz muitos e grandes milagres; e ela recaiu sobre um marinheiro de Porto de Santa Maria milagre; Pedro de Villa, a quem o Almirante prometeu custear as despesas; Santa Clara de Moguer, a fim de mandar rezar uma noite em tomaram a sortear os grãos-de-bico com aquele marcado pela cruz, e a sorte recaiu, mais uma vez, sobre o Almirante. Depois disso, o Almirante e toda a tripulação fizeram promessa de, ao chegar à primeira terra, irem todos de camisola, em procissão, rezar numa igreja dedicada à Nossa Senhora.

Além das promessas gerais ou comuns, cada um fazia outra em particular, pois ninguém contava escapar com vida, considerando-se todos já como perdidos, por causa da terrível tempestade que enfrentavam. Ajudava a aumentar o perigo o fato de o navio viajar com falta de lastro, por ter-se aliviado da carga, os mantimentos tendo sido consumidos, a água e o vinho bebidos; e o Almirante, por causa do favorável encontrado entre as ilhas, não se lembrou de supri-lo, adian-do para mandá-lo lastrear na ilha das Mulheres, aonde pretendia ir. A solução que achou para o problema, quando puderam usá-la, foi a de encher os barris de água e vinho, que traziam vazios, com água do mar; e desse modo salvaram a situação.

Escreve aqui o Almirante as causas que lhe davam receio de que Nosso Senhor não quisesse se fazer sentir e outras que lhe infundiam a esperança de que Deus havia de levá-lo sã e salvo para que não perdessem as notícias que queria transmitir aos Soberanos. Parecia-lhe que o grande desejo que tinha de levar essas boas-novas e mostrar que tinha acertado no que havia dito e se comprometido a descobrir, o deixava com o medo enorme de não conseguí-lo, e diz que até um moço muito conseguia perturbar e impedir. Atribui isso à sua pouca fé e falta de confiança na Divina Providência. Confortava-o, em compensação, as graças que Deus lhe concedera ao proporcionar-lhe tantas vitórias, descobrindo o que descobrira e atendendo a todos os seus desejos, de-

pois de ter passado muitas adversidades e aborrecimentos nas antecã-  
pelas administrativas de Castela. E como antes já tivesse posto o seu  
empêço e entregue todo o seu empreendimento nas mãos de Deus,  
que se submeta a que tinha começado, levando-o até à salvação. Ainda  
que cumpriria o que tinha socorrido na ida, quando maior era o motivo  
mais que, depois de trabalho de enfrentar os marinheiros e a insurgir  
para temer o trabalho de enfrentar os marinheiros e a insurgir  
levava, os quais, sem exceção, estavam dispostos a se rebelar e insur-  
contra ele, fazendo protestos, e o eterno Deus lhe deu força e valor  
para enfrentá-los, e outras coisas verdadeiramente maravilhosas que  
para lhe mostrara nesta viagem, além daquelas que não deveria te-  
Deus lhe mostrara nesta viagem, além daquelas que não deveria te-  
sabiam por pessoas de sua casa; de modo que diz que não deveria te-  
mer a dita tormenta. Mas, a fraqueza e angústia — diz ele — não me  
deixavam acalmar a alma. Diz mais, que também sentia muita pena  
dos dois filhos que estudavam em Córdoba, pois ficariam órfãos de  
pai e mãe em terra estranha e os Reis, ignorando os serviços que lhes  
prestara nessa viagem e as notícias tão auspiciosas que lhes levava, não  
se desportam a socorrê-los. Por isso e para que Suas Majestades subes-  
sem como Nosso Senhor lhe concedera vitória em tudo o que desejava  
nas Índias e, também, que naquelas paragens não existia nenhuma tor-  
menta, o que diz que se pode perceber pelas algas e árvores que nas-  
ceram e cresceram até dentro do próprio mar, e para que, se se per-  
desse com aquela tempestade, os Reis tivessem conhecimento de sua  
viagem, pegou um pergaminho e nele escreveu tudo o que pôde do que  
havia encontrado, rogando muito a quem o achasse para entregá-lo aos  
Reis. Enrolou o pergaminho em pano encerrado, muito bem amarrado,  
mandou buscar um grande barril de madeira e guardou-o ali, sem que  
ninguém soubesse o que era, só que todos pensaram que fosse alguma  
doação; e assim deu ordens para que o jogassem no mar.<sup>37</sup> Depois, com  
a chuva e os trovões, o vento mudou para oeste e andou cinco ho-  
ras só com o traquete por um mar muito revolto; e duas léguas e meia  
ao nordeste. Tinha tirado o papafigo da vela maior, de medo que al-  
guma onda do mar o levasse inteiro.

37. Esse documento jamais foi encontrado. Provavelmente perdeu-se no mar e não atingiu nenhuma costa. (N. do E.)



**Sexta, 15 de fevereiro.** - Ontem, depois do pôr do sol, começou a clarear o céu no lado do oeste, mostrando que a partir daí queria fazer vento. Deu o cutelo à vela maior; as ondas continuavam altíssimas, embora começassem a diminuir. Fez a lés-nordeste quatro milhas, alguns diziam que era a ilha da Madeira, outros pretendiam que fosse a lés-nordeste, pela proa, e as ondas vinham muito altas, do oeste; entre a caravela e a terra teria umas cinco léguas. O Almirante, a julgar pela aquela era uma das ilhas; os pilotos e marinheiros opinavam que já era terra de Castela.

**Sábado, 16 de fevereiro.** - Passou a noite inteira procurando um bom ancoradouro nesta terra que já se reconheceu que é uma ilha. Às vezes ia a nordeste, outras a nor-nordeste, até que saiu o sol, quando fez a volta pelo sul para chegar à ilha, que já não enxergavam por causa da densa cerração, e viu pela popa uma outra, a cerca de oito léguas de distância. Ficou da manhã até à noite dando voltas para conseguir aproximar-se da terra com o vento forte e as ondas altas que fazem. Ao rezar a *Sabe*, que é na boca da noite, alguns avistaram luz a sota-vento, parecendo vir da ilha que ontem avistaram primeiro; e passou a noite inteira a barlavento, aproximando-se o máximo possível para ver se divisava, ao amanhecer, alguma das ilhas. Esta noite o Almirante descansou um pouco, porque desde quarta-feira não podia dormir e ficava com as pernas dormentes por estar sempre desabrigado diante do frio, da água e da má alimentação. Com o raiar do dia, navegou ao sul-sudeste e de noite chegou à ilha. Por causa da grande cerração reinante, não pôde verificar qual era.

**Segunda, 18 de fevereiro.** - Ontem, depois do pôr do sol, andou rodeando a ilha para ver onde poderia ancorar e falar com alguém. Ancorou com uma âncora que logo perdeu. Tornou a dar vela e perma-neceu a barlavento a noite inteira. Ao amanhecer, chegou de novo ao lado norte da ilha e então ficaram sabendo que era Santa Maria, no

Arquipélago dos Açores, e lhes mostraram o porto onde tinham que pôr a caravela; e a população da ilha afirmou que nunca tinha visto tempestade igual à de quinze dias atrás e que se admiravam que houvessem escapado; e diz que renderam muitas graças a Deus e demosterraram muita alegria ante as notícias de que o Almirante havia sidoberto as Índias. Diz o Almirante que aquela sua navegação tinha sido muito acertada e que havia se orientado muito bem; que fossem dadas muitas graças a Nosso Senhor, embora um pouco prematuras. Mas tinha certeza de que se achava na região dos Açores e de que aquela era uma das suas ilhas. E diz que fingiu ter percorrido uma distância maior para desorientar os pilotos e marinheiros que cartearam, a fim de manter-se senhor da rota para as Índias, como de fato conseguiu, porque nenhum deles trazia um rumo certo, motivo pelo qual ninguém poderia absoluta certeza dessa rota para as Índias.

**Terça, 19 de fevereiro.** - Depois do pôr do sol apareceram três homens na margem e chamaram. Enviou-lhes o barco, no qual vieram, com galinha e pão fresco; era dia de Carnaval, e trouxeram outras coisas mandadas pelo comandante da ilha, que se chamava João de Casatubeda, dizendo que o conhecia muito e que só por ser de noite não vinha vê-lo; mas que assim que amanhecesse viria com mais doces e bebidas, junto com três homens da caravela que tinham ficado por lá e que não os enviava por causa do grande prazer que estava tendo em ouvir as coisas acontecidas durante a viagem. O Almirante ordenou que se prestassem várias homenagens aos mensageiros e que lhes aprontassem camas para dormir essa noite, pois já era tarde e o povoado ficava longe. E como na quinta-feira anterior, quando se viu angustiado com o temporal, haviam feito as promessas citadas, de que na primeira terra onde existisse igreja dedicada à Nossa Senhora saíssem de camisola, etc., determinou que metade da tripulação fosse cumprir-la numa capelinha situada à beira-mar feito ermidã, e que depois ele iria com os restantes. Constatando que era terra segura e confiando na solicitude do comandante e na paz existente entre Portugal e a Espanha, pediu aos três homens que se dirigissem ao povoado e mandassem vir um clérigo para lhes rezar uma missa. Indo os três de camisola, no cumprimento de sua penitência, e estando em oração, sobreveio sobre



eles todo o povoado, a pé e a cavalo, chefiado pelo comandante, prendeu o grupo. Depois, estando o Almirante, sem de nada desconfiar, à espera do barco para também ir cumprir sua promessa, que resto da tripulação, quando já eram onze horas da manhã e, vendo que não voltavam, suspeitou que tivessem ficado retidos ou que o barco houvesse quebrado, pois toda a ilha era cercada por penhascos muito altos. E o Almirante não podia enxergar porque a ermida se achava atrás de uma ponta. Levantou âncora e deu à vela em linha reta até ali, onde avistou vários homens a cavalo, que apearam e entraram em mados no barco e vieram até a caravela a fim de prender o Almirante. O comandante levantou-se no barco e pediu garantias ao Almirante, disse que lhe dava; mas que novidade era essa, que não enxergava ninguém de sua tripulação no barco? e acrescentou que viesse e entrasse na caravela, que faria tudo o que quisesse. O Almirante pretendia atraí-lo com boas palavras para depois prendê-lo e recuperar a tripulação, julgando que não incorria em quebra da palavra espanhola, pois o outro, tendo lhe oferecido paz e garantias, não havia cumprido a promessa. O comandante, que diz que vinha com más intenções, não se fôu em entrar. Vendo que não se aproximava da caravela, o Almirante pediu-lhe que lhe explicasse o motivo por que retinha a tripulação, pois que isso causaria pesar ao Rei de Portugal, e que em terra dos Reis de Castela os portugueses eram recebidos com muitas honras e entravam e se sentiam seguros como em Lisboa, e que os Reis lhe haviam dado carta de recomendação para todos os soberanos, senhores e homens do mundo, e que poderia mostrar-lhe se quisesse aproximar-se; e que ele era Almirante do Oceano e Vice-Rei das Índias, agora pertencentes a Suas Majestades, como comprovaria pelas provisões assinadas por eles e lacradas com seus timbres, os quais lhe mostrou de longe, e que os Reis devotavam muito amor e amizade ao Rei de Portugal e o haviam ordenado a prestar todas as homenagens que pudesse aos navios portugueses que encontrasse, e que, uma vez que se recusava a devolver-lhe a tripulação, nem por isso deixaria de seguir viagem para Castela, pois dispunha de número suficiente para navegar até Sevilha, e seriam ele e sua gente bem castigados, fazendo-lhes tal injúria. Então o comandante e os demais responderam que não se conhecia ali nenhum Rei ou Rainha de Castela, nem suas cartas, e que não lhes me-

tiam medo, antes, pelo contrário, iam mostrar-lhes o que era Portugal, e isso já em tom ameaçador. Ao ouvir tais palavras, o Almirante ficou muito penalizado, e diz que até pensou que tivesse ocorrido algum incidente entre ambos os reinos depois de sua partida, e não pôde se conformar que não atendessem ao apelo da razão. Aí então, diz que o comandante tornou a levantar-se, de longe, e exigindo que o Almirante fosse para o porto com a caravela, e que tudo o que ele estava fazendo ou já havia feito era por ordens de El-Rei, seu soberano; disso o Almirante tomou por testemunhas os que estavam na caravela, voltando a chamar o comandante, e a todos eles deu fé e prometeu que, se a quem era, não desceria nem sairia da caravela enquanto toda aquela se uma centena de portugueses para Castela, despovoando toda aquela ilha. E assim tornou a ancorar no porto onde estivera antes, porque o tempo e o vento eram muito ruins para fazer outra coisa.

**Quarta, 20 de fevereiro.** - Mandou aprontar o navio e encher os barris com a água do mar para fazer lastro, pois achava-se em péssimo porto e receava que lhe cortassem as amarras, e assim foi; por isso deu às velas para a ilha de São Miguel, apesar que nenhuma das dos Açores ofereça bom porto para o tempo que então fazia, e não lhe restava alternativa senão fugir do mar.

**Quinta, 21 de fevereiro.** - Partiu outrem da ilha de Santa Maria para a de São Miguel, a fim de procurar ancoradouro para poder suportar tamanho mau tempo como o que fazia, com muita ventania e grandes ondas, e andou até à noite sem conseguir avistar terra alguma por causa da espessa neblina e escuridão causados pelo vento e pelo mar. Diz o Almirante que estava bastante aborrecido, pois dispunha apenas de três marinheiros que conheciam o oceano, porque os demais não entendiam absolutamente nada de navegação. Manteve-se à capa a noite inteira de muitíssimas tormentas, grande perigo e trabalho, mas Nosso Senhor lhe concedeu a graça de virem as ondas ou o mar somente de um lado, porque se se entrecruzassem como as precedentes, sofreria muito mais ainda. Depois de raiar o dia, como não enxergasse a ilha de São Miguel, decidiu retornar à de Santa Maria para ver se podia resgatar a tripulação, o barco, as amarras e âncoras que por lá haviam ficado.



Diz que estava assombrado com todo esse mau tempo que fazia nessas ilhas e paragens, porque nas Índias andou meses a fio sem necessidade de ancorar, e sempre encontrava tempo bom e que em nenhuma ocasião se deparou com um mar que não se pudesse navegar, e lhe aconteceu, durante a ida, até às ilhas Canárias; mas que, além de las, sempre encontrou clima e mar de grande temperança. Concluindo, diz o Almirante, bem disseram os sagrados teólogos e os sábios filósofos ao afirmar que o Paraíso terrestre está nos confins do Oriente, porque é um lugar temperadíssimo. De modo que as terras, agora descobertas, são os confins do Oriente.

**Sexta, 22 de fevereiro.** - Ontem ancorou na ilha de Santa Maria no mesmo lugar ou porto precedente, e logo surgiu um homem chamado do alto de uns penhascos que ficavam bem em frente, pedindo para que não fossem embora dali. Em seguida apareceu o barco com cinco marinheiros, dois clérigos e um escrivão; pediram garantias, e, dadas pelo Almirante, subiram à caravela; e como já era noite dormiram a bordo, e o Almirante lhes rendeu as honrarias que pôde. De manhã, solicitaram que lhes mostrasse o mandato dos Reis de Castela e lhes contasse como, com a autorização deles, havia empreendido tal viagem. O Almirante sentiu que faziam isso só para demonstrar que não haviam procedido mal, mas que tinham tido razão, porque não haviam podido prender a pessoa do Almirante, que com certeza deviam pretender capturar, pois surgiram com o barco armado; mas ao perceberem que a manobra poderia acabar mal, e com temor do que o Almirante dissera e ameaçara, que tinha propósito de levar a cabo e acreditou que sairia dali com isso. Finalmente, para recuperar a tripulação retida, teve que mostrar-lhes a carta geral dos Reis, para todos os soberanos e senhores, de recomendação e outras provisões; e deu-lhes do que tinha e eles se foram para terra contentes, e logo soltaram toda a tripulação junto com o barco, e por ela soube então o Almirante que, se o tivessem capturado, nunca mais o poriam em liberdade, pois, segundo dizia o comandante, El-Rei, seu Senhor, assim lhe havia ordenado.

**Sábado, 23 de fevereiro.** - Ontem o tempo começou a querer entrar em bonança; levantou âncora e foi contornar a ilha em busca de bom ancoradouro para conseguir lenha e pedra para o lastro, e só pôde encontrar à hora das completas.\*

**Domingo, 24 de fevereiro.** - Ancorou ontem à tarde para buscar lenha e pedra, mas como as ondas estavam muito altas, o barco não conseguiu chegar em terra, e ao render da primeira guarda da noite, começou a ventar a oeste e sudoeste. Mandou levantar as velas por começo a ventar a oeste e sudoeste, logo sobreveem o vento sul. A causa do grande risco que se corre nestas ilhas de esperar pelo vento sul sobre a âncora, e ao ventar a sudoeste, logo sobreveem o vento sul, e ao ventar a sudoeste, logo sobreveem a leste; e andou até o amanhecer, e visto que fazia bom tempo para ir para Castela, parou de recolher lenha e pedra e pediu que pilotassem a leste; e o que equivale a o que daria seis horas e meia. Depois de raiar o dia até o pôr do sol, quarenta e cinco milhas e meia. Depois de onze horas dá sessenta e seis milhas; fez seis milhas por hora, o que em onze horas dá sessenta e seis milhas; e fez seis milhas por hora, e cinco e meia noturnas, foram cento e onze e somadas às quarenta e cinco e oito léguas.

**Segunda, 25 de fevereiro.** - Ontem, depois que escureceu, navegou ao leste, mantendo-se na rota, a cinco milhas por hora; em treze horas desta noite percorreu sessenta e cinco milhas, o equivalente de dezesseis léguas e um quarto. Entre o amanhecer e o pôr do sol percorreu outras dezesseis léguas e meia com o mar calmo, graças a Deus. Sorveu outras dezesseis léguas e meia com o mar calmo, parecia uma água breveou a caravela um pássaro enorme que parecia uma águia.

**Terça, 26 de fevereiro.** - Ontem, depois do pôr do sol, navegou ao leste, mantendo-se na rota, com mar calmo, graças a Deus; o resto da noite fez oito milhas por hora; percorreu cem milhas, o que vem a dar vinte e cinco léguas. Depois que amanheceu, com pouco vento, choveu bastante; navegou cerca de oito léguas a les-nordeste.

**Quarta, 27 de fevereiro.** - Hoje, entre a noite e o dia, andou fora da rota por causa dos ventos contrários e das grandes ondas do mar e achava-se a cento e vinte e cinco léguas do Cabo de São Vicente, a

\* Completas, as últimas horas canônicas dos ofícios divinos. (N. do T.)



oitenta da ilha da Madeira e cento e seis de Santa Maria. Estava muito aborrecido com tanto temporal, agora que faltava tão pouco para chegar em casa.

**Quinta, 28 de fevereiro.** - Andou da mesma maneira esta noite fora de rota, com diversos ventos ao sul e ao sudeste, e de um lado e grandes ondas durante o dia inteiro.

**Sexta, 1º de março.** - Andou esta noite doze léguas a leste quarta de nordeste; de dia correu vinte e três e meia a leste quarta de nordeste.

**Sábado, 2 de março.** - Andou esta noite, mantendo-se na rota, vinte e oito léguas a leste quarta de nordeste; e navegou vinte léguas de dia.

**Domingo, 3 de março.** - Depois do pôr do sol navegou a leste mantendo-se na rota. Sobreveio-lhe uma chuva que lhe rasgou todas as velas e viu-se em grande perigo, mas Deus quis que se salvassem. Tiraram a sorte para enviar um peregrino diz que à Santa Maria de la Cinta em Huelva, que fosse de camisola, e a escolha recaiu sobre o Almirante. Todos fizeram também promessa de jejuar a pão e água no primeiro sábado depois da chegada. Percorreu sessenta milhas até que as velas se rasgassem; depois andaram a mastro seco, por causa da grande tempestade de vento e das ondas que queñiam tragá-los por ambos os lados. Viram indícios de terra próxima. Achavam-se bem perto de Lisboa.

**Segunda, 4 de março.** - À noite passaram por horrível tempestade e até pensaram que estivessem perdidos por causa das ondas que investiam por ambos os lados, dos ventos que pareciam erguer a caravela no ar, da chuva e dos relâmpagos de tudo quanto era lado; implorou a Deus para socorrê-los e assim andou até à primeira guarda, quando Nosso Senhor lhe mostrou terra, também vista pelos marinheiros. E então, para não se aproximar sem saber qual era, para ver se achava

algum porto ou lugar onde se abrigar, deu o papafigo por não ter outro remédio e para andar um pouco, embora com grande risco, fizeram-se ao mar; e assim Deus os protegeu até raiar o dia, que diz que foi com infinito trabalho e espanto. Ao amanhecer, reconheceu a terra que era a Rocha de Cintra, situada bem ao lado do rio de Lisboa, onde resolveu entrar, já que não podia fazer outra coisa; tão terrível era a tormenta que fazia na vila de Cascais, localizada na foz. Os habitantes tomaram a manhã inteira rezando por eles e, depois de já estar diz que passaram a manhã inteira rezando por Restelo, dentro do ancorado; e assim, a uma hora da tarde passou por Restelo, e não escapado; e assim, a uma hora da tarde passou por Restelo, dentro do rio de Lisboa, onde soube pelos marinheiros locais que nunca tinha feito inverno de tantos temporais e que se haviam perdido vinte e cinco meses sem poder sair. O Almirante escreveu imediatamente ao Rei de Portugal, que se encontrava a nove léguas dali, dizendo que os soberanos de Castela tinham lhe dado ordens para que não deixasse entrar em troca de pagamento, e que El-Rei lhe concedesse permissão para ir com a caravela à cidade de Lisboa, porque alguns malvados, pensando que trazia muito ouro, encontrando-se em porto despovoado, seriam capazes de cometer alguma perversidade, e também para que soubesse que não voltava de uma viagem à Guiné e sim às Índias.

**Terça, 5 de março.** - Hoje, depois que o Comandante da nau grande do Rei de Portugal, também ancorada em Restelo e a mais bem aparelhada de artilharia e armas que já foi visto, que se chamava Bartolomeu Dias de Lisboa, veio com o batel armado até à caravela, e pediu para o Almirante embarcar a fim de ir prestar contas aos administradores do Rei ou ao Capitão da dita nau. O Almirante respondeu que, como Almirante dos Reis de Castela, não se sentia obrigado a prestar contas a tais pessoas, nem tampouco a sair das naus ou navios em que estivesse, a não ser que fosse obrigado pela força das armas. O comandante retrucou que enviasse então o mestre da caravela. O Almirante disse que nem o mestre nem qualquer outra pessoa, a não ser à força, porque tanto fazia entregar alguém como ir pessoalmente, e que esse era o costume dos almirantes dos Reis de Castela, de preferir morrer a



se entregar ou entregar alguém de sua tripulação. O Comandante se moderou e disse que, já que estava com aquela determinação, que se como ele quisesse; mas que lhe mandasse mostrar as cartas dos Reis de Castela, se as tinha. O Almirante prometeu mostrar as cartas dos Reis Alvaro Darna, o qual, com muita pompa, tambóres, clarins e outros instrumentos, veio até à caravela e falou com o Almirante, e ajudá-lo no que precisasse.

**Quarta, 6 de março.** - Sabendo como o Almirante vinha das índias, veio hoje tanta gente da cidade de Lisboa para vê-lo e ver os indios que chegava a ser surpreendente, e as demonstrações de assombro que todos davam, rendendo graças a Nosso Senhor e dizendo que, pela grande fé que os Reis de Castela tinham e pelo desejo de servir a Deus, era que Sua Augusta Majestade lhes dava tudo isso.

**Quinta, 7 de março.** - Hoje veio uma verdadeira multidão até à caravela, e muitos cavaleiros, entre eles, os administradores de El-Rei e todos rendiam infinitíssimas graças a Nosso Senhor por tanto bem e engrandecimento da Cristandade que Nosso Senhor havia concedido aos Reis de Castela, e que diz que atribuíam ao fato de Suas Majestades trabalharem e se exercitarem tanto em prol do engrandecimento da religião de Cristo.

**Sexta, 8 de março.** - Hoje o Almirante recebeu uma carta do Rei de Portugal através de dom Martin de Noronha, na qual pedia-lhe que fosse a seu encontro, pois o tempo não estava propício a partir com a caravela; e assim fez, para evitar desconfianças, embora não tivesse vontade de ir, e foi dormir em Sacavém. El-Rei ordenou a seus ministros para que dessem, sem cobrar nada, tudo o que o Almirante, a tripulação e a caravela precisassem e para que fizessem tudo como o Almirante quisesse.

**Sábado, 9 de março.** - Hoje saiu de Sacavém para dirigir-se ao local onde se encontrava El-Rei, que era o vale do Paraiso, a nove léguas

de Lisboa; como chovia, não pôde chegar antes que anoitecesse. O soberano mandou recebê-lo com todas as honras pelas figuras mais importantes da Casa Real e ele próprio também os acolheu com muitas honras, prestando-lhe uma série de cortesias, convidando-o a sentar-se e falando com a maior consideração, oferecendo-se para mandar fazer tudo o que agradasse aos Reis de Castela e a seu serviço e o que mais aprouvesse; e mostrou-se muito satisfeito com o feliz desfecho da viagem, e também de que tivesse sido empreendida, mas que, no seu modo de entender, pelo pacto existente entre os Reis e ele, aquela coisa além de ter de entender. Ao que o Almirante respondeu que desconhecia a existência de semelhante pacto e não sabia de outra coisa além de terem os Reis mandado que não fosse à mina nem à toda a Guiné, e que assim se tinha feito apregoar em todos os portos de Andaluzia antes de partir para a viagem. El-Rei respondeu graciosamente que tinha certeza de que não haveria necessidade de terceiros.

Confiou-o aos cuidados do prior do Crato, na ocasião a personalidade mais importante ali presente, e de quem o Almirante recebeu, em todas as circunstâncias, muitíssimas honrarias e favores.

**Domingo, 10 de março.** - Hoje, depois da missa, El-Rei tomou a declarar que, se tivesse necessidade de algo, prontamente lhe daria; e conversou muito com o Almirante, sempre convidando-o a sentar-se, prestando-lhe todas as homenagens.

**Segunda, 11 de março.** - Hoje despediu-se do rei, que lhe disse algumas coisas que gostaria que transmitisse aos Soberanos, demonstrando-lhe sempre muita afeição. Partiu depois de comer, acompanhado por dom Martin de Noronha e por todos aqueles dignatários, que ficaram bastante tempo prestando-lhe homenagens. Depois dirigiu-se ao mosteiro de Santo António, situado nas proximidades de um lugar chamado Vila Franca, onde se encontrava a Rainha; e foi-lhe fazer verência e beijar-lhe as mãos, pois um emissário recomendara que não partisse sem visitá-la, e ela estava com o Duque e o Marquês, tendo recebido o Almirante com a máxima consideração. O Almirante despediu-se ao entardecer e foi dormir em Landra.



**Terça, 12 de março.** - Hoje, estando para partir de Landra para caravela, chegou um escudeiro de El-Rei, oferecendo-se da parte da monarca, se preferisse ir à Castela por terra, a hospedá-lo e mandá-lhe dar montarias e tudo o mais que precisasse. Quando o Almirante se despediu, deu-lhe uma mula e outra para o piloto, que levava consigo os padrius\*, segundo soube o Almirante. E diz que declarou se despedido para que chegasse ao conhecimento dos Reis de Castela. Já era noite quando chegaram à caravela.

**Quarta, 13 de março.** - Hoje, às oito horas, com maré muito alta e vento nor-noroeste, levantou âncora e soltou velas para ir para Sevilha.

**Quinta, 14 de março.** - Ontem, depois do pôr do sol, seguiu na sua rota rumo ao sul, e antes do amanhecer encontrou-se nas proximidades do Cabo de São Vicente, que fica em Portugal. Depois navegou ao leste para ir a Saltes, e andou o dia todo com muito pouco vento até agora, que está perto de Furón.

**Sexta, 15 de março.** - Ontem, depois do pôr do sol, navegou na sua rota até o amanhecer com pouco vento e, ao raiar do dia, achou-se nas proximidades de Saltes e, ao meio-dia, com a maré montante, entrou pela barra de Saltes até o interior do porto, de onde havia partido em 3 de agosto do ano passado. E assim diz ele que termina agora este relato, só que estava com a intenção de ir a Barcelona por mar, pois ficara sabendo que ali se encontravam Suas Majestades, e isso para lhe dar notícia de toda a viagem, que Nosso Senhor havia permitido que fizesse, querendo deslumbri-lo com ela. Porque certamente, além do que já sabia e tinha a certeza inabalável de que Sua Augusta Magestade só faz coisas boas e que tudo é bom, salvo o pecado, e que não se pode avaliar nem pensar coisa alguma sem o seu consentimento, fiquei cobrindo tudo desta viagem — diz o Almirante — que milagrosamente assim o demonstrou, como se pode compreender por este relato e pelos muitos milagres indicados que nela ocorreram, e de mim, que há tan-

\*Espadim, antiga moeda portuguesa. (N. do T.)

to tempo estou na Corte de Vossas Magestades com a opposição e contra a vontade de tantas personalidades ilustres de vossa casa, as quais estavam todas contra mim, alegando ser embuste essa façanha. E que, espero em Nosso Senhor, haverá de ser a maior honra da Cristandade que assim, com tanta rapidez, tenha jamais aparecido.

Estas são as palavras finais do Almirante sobre a sua primeira viagem às Índias e sobre o seu descobrimento.